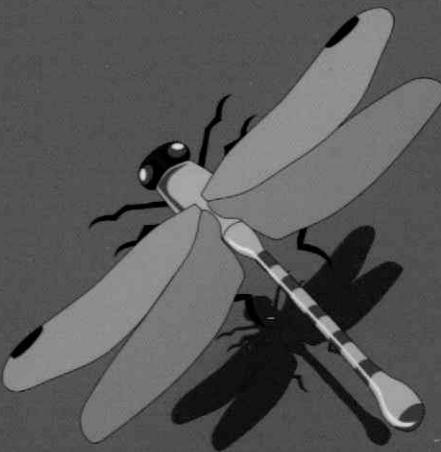




*O meu país
das Libélulas*

LEQUE DE PENSAMENTOS
bibRia



ANTÓNIO CAPÃO

O Meu País das Libélulas

bibRIA



LIVRARIA MUNICIPAL
OFERTA

ficha técnica

Título	O Meu País das Libélulas
Autor	António Capão
Capa	Pedro Capão
Composição	Barros Gráfica
Edição	Câmara Municipal de Oliveira do Bairro
Tiragem	1000 exemplares
Impressão	Barros Gráfica
Depósito legal	231798/05
ISBN	972-8675-04-6

bibRIA



Nota justificativa

bibRIA

bibRIA

Este livro “O Meu País das Libélulas”, do escritor Dr. António Tavares Simões Capão, fala-nos de um seleccionado leque de pensamentos. Ora, se dos pensamentos nascem as obras de maior ou menor valia, este leque de reflexões dá vida a um belo livro onde o autor, entre outros factos, recorda causas da sociedade portuguesa, tratadas e analisadas com grande capacidade literária e crítica.

Sente-se, no entanto, que perpassa por todo este conjunto de pensamentos uma inesgotável fonte literária, resultante de leituras “até quase à saturação de obras de tipo diversificado de grandes autores nacionais e estrangeiros”.

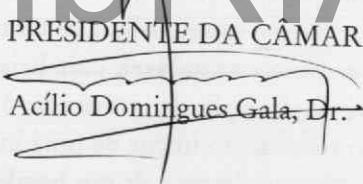
Fica bem evidenciada a grande sensibilidade do autor quando escreve: “amava as plantas, observava os delicados rendilhados das suas folhas, o diverso, belo e harmonioso colorido das pétalas das flores” e, também, quando recorda os “Vales Remansosos” onde enchia “os pulmões de ar puro e os seus olhos de tantas belezas”, aspirando as correntes de ar fresco e saudável, cuja brisa vivificadora agitava incessantemente as franças do arvoredo à beira dos regatos”. Tudo isto, como recordação ímpar de uma infância feliz e saudosa, dessa saudade de “Sermos livres e de nos bandearmos como filhos da própria natureza”.

É ainda essa mesma e abençoada sensibilidade que leva o autor, em análises sucessivas, a percorrer “os caminhos da História de Portugal e das respectivas manifestações literárias”, procurando manter “com brio intelectual e particular a sua vontade e capacidade de opção”, o que quer dizer, a própria independência em tudo que é possível.

Mas, outros capítulos de grande recorte literário constantes do Livro, que vêm enriquecer a já vasta bibliografia do autor e engrandecer também o património literário do Concelho, da Região e do País. E, porque, como diz Fernando Pessoa, o nosso pensamento dito deixa de ser nosso, ficamos a desejar que mais pensamentos do autor continuem a fluir para, na sua generosidade que é grande, partilhar connosco.

Assim, a Câmara Municipal não podia ficar indiferente à publicação de mais este Livro do Dr. António Tavares Simões Capão, pelo que deliberou assumir a responsabilidade da sua publicação.

Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, Maio de 2005

bibRIA
O PRESIDENTE DA CÂMARA

Acílio Domingues Gala, Dr.

bibRIA

bibRIA

Introdução

bibRIA

bibRIA

...evidentemente os livros abordam a sua cultura e suas tradições, mas também o seu passado, o seu presente e o seu futuro. E é sempre interessante ver como os países diferentes lidam com a sua história, com a sua cultura, com a sua política de paz... Até porque é importante que todos saibam, entendam, respeitem as principais tradições e heranças de cada um. É isso que queremos transmitir ao mundo. É isso que queremos transmitir ao mundo.

Quando demos por terminada a escrita destes nossos pensamentos, surgiu então a possibilidade de nova guerra. Uns porque desejavam atacar sem demora, querendo evitar nova onda de terrorismo, facto que não se deve desligar de intenções económicas; outros arvorando a bandeira da paz, muitos dos quais sempre a utilizaram em benefício dos seus intuiitos bélicos.

Em geral, o homem sempre pensou que para alcançar a paz se tem de promover guerra. É um absurdo antinómico que não se entende. Acreditamos que há muitos homens que trabalham incansavelmente pela paz, que procuram dialogar, que lutam desesperadamente por ela, pois reconhecem que há muitos seres humanos que passam fome, que suportam doenças e que passam frio, quando se gastam milhões para fazer avançar esse monstro com todos os seus resultados deploráveis. A paz tornou-se, assim, um símbolo aproveitado por todos, como uma lâmina de dois gumes, de fio já quase embotado, mas que continua a cortar em dois sentidos. Cremos somente na paz que Jesus Cristo proclamou ao seu povo, mas não na paz que é fabricada pelos homens.

Pensamos que Sadam Hussein tem ludibriado os inspectores nas suas investigações, acreditamos que Bush quer destruir Sadam a qualquer preço, compreendemos que outros se mantenham contra a guerra por meio do seu voto ou permaneçam indecisos perante uma frontal

bibRIA

activação de um conflito que nada traria de útil ao mundo inteiro; nem a vencidos nem a vencedores. Na verdade, nunca foram descobertas armas de destruição maciça.

Pode perguntar-se quais serão as consequências de tudo isto. Parece que a existência da ONU treme sobre as colunas basilares que a suportam e a organização da Aliança Atlântica, ameaça ruir.

É histórico que, de tempos a tempos, surgem ditadores a nível mundial. Então, o que será dos pequenos países que, mesmo sem querer, se possam vir a envolver à força nessas confusões universais? Apetece exclamar como os Latinos: Vae Victis! Vae Victoribus!

bibRIA

Dicas para os pais

bibRIA

bibRIA

O meu país das libélulas

bibRIA

bibRIA

País concreto onde as realidades se apoiam na fantasia e no sonho, composto por montanhas, vales, contrafortes ondulados, planícies extensas, cobertas de tapetes de verdura de tons variados. Crio este espaço na minha imaginação porque o meu país real é constantemente devassado por violências, por catástrofes que, vindas de várias origens, se universalizam e que tanto amarguram a nossa alma.

Criação esplendorosa, feita só de amor e ternura, não pode suportar as exigências de qualquer deus tenebroso e cruel, seja Alá¹ ou Javé². Qualquer Deus criador ou qualquer progenitor só pode amar as suas criaturas e não utilizá-las para guerras santas abomináveis e geradoras de outras guerras igualmente deploráveis. O Deus em que eu acredito só pode oferecer-nos as coisas boas que são os contornos de um amor infinito e total. As razões de Bin Laden³ como as de Hitler⁴ e de outros tiranos antigos e modernos só podem ser produtos satânicos de mentes distorcidas e sanguinárias.

O fanatismo ligado a qualquer ideal só pode trazer injustiças e ausência de paz. A nível individual e a nível colectivo. Os árabes, ainda que o conceito de Islão queira significar amor, em nada evoluíram quanto ao conceito de amor e de respeito pelos outros. E, mesmo entre si, a mulher não é dignificada como ser humano que é.

Olhe-se o procedimento de certas seitas fundamentalistas que, quanto ao problema da evolução dos povos, continuam a mostrar-se, com evidência, como autênticas aberrações entre as sociedades modernas.

Também temos de nos queixar e lamentar pelas faltas de amor e tolerância entre os cristãos. Tem-nos doído muito, não dizemos já da falta de amor e de tolerância entre cristãos nesta Europa de há séculos, bem como dos cristãos para com os outros que não o são, mas também, actualmente, as graves crises que têm sufocado as aspirações da Irlanda à serenidade, onde lutas violentas têm eclodido entre protestantes e católicos, como se na base da formação destes povos não estivesse a doutrina de Cristo!

Continuam a ser os grandes motivos históricos, políticos e económico-sociais a acender e a reacender os focos da divergência, quando, sobre a terra, há lugar para todos e há condições que mentes saudáveis podem apontar como bases seguras de estabilização e de segurança continuada entre vários sistemas ideológicos que se vêm mantendo.

Jamais quereríamos aceitar o significado da velha frase clássica que considera o *homo hominis lupus*; antes quereríamos aceitar que o homem considerasse o outro homem seu irmão, embora com todas as características que tornam um diferente do outro.

Entre o *eu* e o *outro* não pode existir um hiato tão forte e tão profundo que não permita a criação de um campo de empatia que deixe facilitar a comunicação serena e válida, sem rancores nem dentes arreganhados pelo ódio.

Quanto a nós, a doutrina de Cristo, na sua pureza total, tem um papel preponderante que há-de continuar a desempenhar, apesar de tudo. O homem até pode não ter fé; até pode praticar acções menos dignas; mas há valores que dela ressaltam que para todos são inultrapassáveis e continuam a manter-se incisos na nossa formação e na nossa cultura.

O ataque verrinoso, que é muitas vezes demagógico, tanto de tipo diacrónico como de tipo actual, nada de bom traz consigo e ajuda

a manter um certo tipo de guerra que não resolve nada porque as grandes vítimas são sempre os inocentes que, alheios e sem nada fazerem por isso, se encontram envolvidos nas intrigas e nos enredos da sociedade.

bibRIA

bibRIA

Vales remansosos

bibRIA

bibRIA

Outrora, as crianças criavam para si próprias um estatuto de liberdade que não era dado ser devassado pelos adultos.

A escola impunha-lhes certas regras que umas aceitavam melhor do que outras. E os professores, alguns professores, nem sempre estavam preparados para receber aqueles grupos de avezitas há pouco saídas do ninho materno, cujas asas começavam a crescer.

Com turmas excessivamente grandes onde estavam reunidas várias classes, turmas heterogéneas, onde não se respeitava a diferenciação psicológica e para as quais não se utilizavam metodologias convenientes a par do conhecimento dos níveis sociológicos familiares, algumas crianças eram relegadas para um plano secundário quase de abandono e não tiravam da sua presença obrigatória na sala de aula outras regalias senão uma certa agressividade e separação e de lá saíam sem saberem, no mínimo, ler, escrever e contar, bens considerados essenciais para o seu começo de vida activa, tomasse ela o ritmo que tomasse.

Durante o Inverno, nos intervalos, entregavam-se à prática de curiosíssimos jogos que surgiam periódica e espontaneamente, naturalmente menos agitados e mais pacíficos entre meninas, mais movimentados e combativos entre meninos.

Com a Primavera, com o tempo a aquecer, os rapazes sentiam outras atracções e, após as horas de aulas, com combinações prévias, abalavam pelos campos fora à procura de lugares aprazíveis que

pudessem dar azo aos seus folguedos e permitissem fazer expandir as suas energias abafadas.

Jogar o pião, jogar a bilharda, a vassourinha, o noveco, o burro-de-Aveiro, o bichoiro, a macaca, o macacão e o caracol, as quatro nações, etc, eram jogos intervalares das lições, mas que poderiam surgir também noutras alturas. Eram formas de apurar a lateralidade que, não fazendo parte das actividades escolares como motivações para o ensino/aprendizagem, apareciam espontaneamente baseadas e disfarçadas em distracções tradicionais.

Mas, nas povoações rurais e mesmo nas cidades de província, a natureza circundante constituía um atractivo poderoso para a realização de outras tarefas juvenis não orientadas mas sempre reveladoras de grande utilidade na descoberta do equilíbrio somático, na avaliação de forças físicas e interiores, sempre complementares de outras práticas mais serenas.

Quando, ao terminarem as horas de um dia de escola, um dos líderes entre os garotos lançava no ar a frase: *Vamos aos ninhos!* havia sempre um certo número de rapazes que aderiam. Mas a ideia poderia ser outra: *ir aos cucos* (colher certas flores cheirosas que aparecem em terrenos encharcados), *ir apanhar rubacos* ou *ruivacos* e *enguias* nas correntes das valas ou tomar parte na brincadeira enganosa de *apanhar o pássaro bisnau* ou de *ir aos gambozinos*. Muitas encenações de faz de conta, na procura da liberdade através da natureza, a pé descalço e com pouca roupa que o extravasar das energias corporais ia substituindo. Algumas vezes, quedavam-se a mijar nos buraquinhos para fazerem sair os grilos, que levavam para a lareira metidos em pequenas gaiolas de cana da sua confecção, onde eles continuavam as suas vibrações ruidosas ao calor da fogueira. Outras vezes, sobre a erva dos ribeiros, nos vales, corriam atrás dos *aviões*, dos *arranca-olhos* ou *arranca-narizes* como designavam as libélulas de maior porte, de olhos

enormes, de cor azulada e de asas semelhantes a aeroplanos; ou então iam à caça de libélulas mais pequenas, avermelhadas, escuras e de outras cores, a que chamavam somente libelinhas. Entre libélula e libelinha a diferenciação correspondia essencialmente ao tamanho do insecto.

Conhecedores absolutos dos terrenos que pisavam, não tinham medo de cobras e lagartos nem de outros animais bravios, porque sabiam que os animais venenosos não existiam ou era raro aparecerem por ali. No entanto, conheciam histórias e relatos populares sobre alguns deles que pensavam ser mais perigosos: "Se a víbora ouvisse e o liscanço visse, não haveria ninguém que lhes fugisse" ou que se pudesse defender deles, dizia o povo. Coitado do licranço, liscanço ou cobra de vidro, tão inofensivo, mas Deus os livrasse da ira e do ataque da víbora que só existe em algumas das nossas regiões.

De resto, enchiam-se os seus pulmões de ar puro e os seus olhos de tantas belezas que a natureza lhes oferecia, proporcionando-lhes a sã alegria de viver a seu modo, em liberdade quase total por algumas horas, visto que o regresso a casa era inevitável e, no dia seguinte, as mesmas ocupações os esperavam na escola, mas já com os deveres feitos.

Nós também por aí andámos, calcorreando, descalços, os vales de uma freguesia semelhantes a tantos outros, refrescando-nos nas correntes de água límpida ao som monótono do seu rumorejar e aspirando as correntes de ar fresco e saudável, cuja brisa vivificadora agitava incessantemente as franças do arvoredo à beira dos regatos.

Ouvíamos o som prolongado das mós andadeiras dos moinhos de água que se prolongava pelos vales adiante e deliciávamo-nos com a chilreada dos pássaros que buscavam, na espessura da vegetação, os lugares mais cómodos e convenientes para a construção dos seus ninhos. De calçõezitos puídos, seguros por uma alça em diagonal, procurávamos, sem bem saber como, nem quê, nem porquê, tesouros escondidos

cheios de quase nada, que a mãe natureza nos oferecia como dádiva e nos fazia abrir, regaladamente, os olhos.

Desses tempos e desses passeios, alheios ainda aos complexos esquemas sociais arquitectados pelos homens, metidos até aos ossos na sua estrutura social, fugíamos a esses enredados sistemas que nos complicavam a vida em que nos meteram sem nossa autorização e sem sermos ouvidos. Desses tempos e desses espaços, dizíamos, sentimos hoje a mesma saudade, a imensa saudade de sermos livres e de nos bandearmos como filhos da própria natureza, ainda que os nossos pais nos tivessem feito num acto de amor e Deus tivesse permitido a nossa existência, colocando sobre os nossos ombros qualquer futura missão que ainda não podíamos descobrir mas que já estava implícita num plano superior que não descortinávamos.

Efectivamente, poderíamos pensar, como Blaise Pascal⁵, que este não é o país da verdade que vagueia desconhecida por entre os homens, porque Deus a cobriu com um véu, que não lhe permite ser vista por aqueles que não ouvem a sua voz.

bibRIA

bibRIA

Pedaços de vida

bibRIA

Era na época quando eu tinha 18 anos que eu me apaixonei por um menino que era meu vizinho. Ele era o mais bonito garoto da turma e eu amava-o. Eu sempre fui uma garota muito tímida e não conseguia dizer-lhe que eu o amava. Ele era de uma família rica e eu sempre sonhei em ser sua namorada. Eu sempre fui uma garota muito tímida e não conseguia dizer-lhe que eu o amava. Ele era de uma família rica e eu sempre sonhei em ser sua namorada.

bibRIA

Nasceu, cresceu e parece que nunca deixou de ser criança. Viveu sempre no sonho, passou as fases da vida como os outros meninos da aldeia, mandaram-no estudar e chegou a licenciar-se na Universidade de Coimbra. Custou a passar da mera *rêverie* à imperatividade da racionalização. Mesmo assim, as leis do coração quase sempre se impuseram às leis da razão. Por isso, viveu rodeado de medos aos mais variados níveis e, sempre que a razão emergia, não deixava de viver alimentado por um mar de emoções que praticamente o dominavam. Vivia na lua, não sentia os pés assentes no chão, escrevia desenvolvendo os temas mais variados, fazia versos – produção literária bem aliada aos seus conhecimentos eivados de muita fantasia, a qual raramente era publicada em jornais e que quase ninguém lia.

Exerceu a sua profissão com brio, foi considerado insigne na execução das suas funções e dos seus serviços, mas reconheceu que a sua existência, à excepção de algumas realizações práticas, foi sempre de grande frustração porque nunca foi capaz de coordenar a prática racional da existência com as funções emotivas do seu sonhar acordado.

Nunca foi capaz de levar a cabo os projectos que arquitectara, sobretudo quando eles exigiam gastos e despesas que seriam absolutamente necessários para manter as precisões do dia-a-dia relativas à própria família.

Encheu-se das ideias dos outros, leu até quase até à saturação obras de tipo diversificado de grandes autores nacionais e estrangeiros, mas foram aqueles os que mais apreciou por lhe darem a conhecer, de modo mais claro e mais generalizado, o vasto conhecimento das suas raízes e um certo orgulho de ter nascido português, no meio de uma família de agricultores, esmerados e atentos conhecedores do cultivo da terra, a mãe incansável que retribui sempre, com grande percentagem, os produtos que entregam à sua gestação.

Nunca renegou as suas origens de espaço e de geração, encontrou sempre nelas os grandes motivos de viver e, sobretudo, a enorme variedade de temas que se arvoraram e arvoram em sistema de protecção da identidade que nada tinham a ver com os grandes esquemas político-sociais, os quais, aliados aos económicos, se universalizaram espalhando-se pelo mundo inteiro, concentrados em nações que, por isso, se tornaram poderosas à custa das mais humildes e das menos capazes de suprir dificuldades.

Jamais sentiu a ambição de possuir mais do que o sustento quotidiano para si e para os seus, desejando que todos os outros tivessem direito ao mesmo, incluindo uma educação condigna, a manutenção da saúde e roupa para abrigarem os seus corpos dos frios inclemtes em épocas acostumadas. Não foram as doutrinas comunistas que o aliciaram e abjurou sempre do capitalismo que também nunca foi equitativo na distribuição dos bens.

Ficou sempre por uma doutrina de compreensão imediata que não mostrava garras para atingir os seus fins; e esse estado médio só o encontrou na pureza do Cristianismo, muitas vezes aproveitado por uns e por outros para levarem por diante a consecução dos seus objectivos perversos.

Coou pela sua sensibilidade a serenidade dos clássicos, não aceitou sem recusas o pacifismo romântico, não se deixou seduzir pelas cruezas

realistas e naturalistas, não seguiu embalado pelas promessas dos modernos nem dos progressistas que a maior parte das pessoas não entende. Todos mais ou menos belos para serem lidos, todos mais ou menos incompletos para serem seguidos à risca. Era só ele, com os seus sentimentos e com os seus laivos de razão.

Nem as previsões e as prefigurações dantescas, nem a placidez clássica, nem as aflorações emotivas românticas, nem a indelicadeza sistemática naturalista, nem o progressismo moderno; amava o que via temperado pelos seus sentidos, na percepção das cores, dos sons e dos movimentos. O homem era de facto o rei da criação, mas não deixava, apesar do seu pensamento, de se apresentar como qualquer outro elemento criado que seguia, impreterivelmente, um conjunto de linhas que o levavam à fatalidade biológica da morte: uma linha vigorosa ascendente, uma linha horizontal de certa estabilização e uma linha de acentuada decadência.

Abominava os conflitos mundiais que nunca tinham razões válidas de existirem, mas existiam; fossem étnicas, políticas, económicas ou geográficas. Ficava estarrecido com os milhares de mortos que daí resultavam, porque, na maior parte dos casos, não eram os grandes causadores das dissensões aqueles que mais sofriam ou eram oprimidos ou explorados, mas os que nada tinham contribuído para isso, já que as grandes vítimas dessas convulsões foram sempre os mais fracos e mais inocentes, os sem poder de qualquer espécie.

Custava-lhe que a terra sagrada onde nasceu Jesus Cristo e onde Ele passou a sua existência a pregar a paz, a justiça e o amor, fosse sempre motivo de grandes discórdias e ocupada a ferro e fogo ora por uns ora por outros. O sangue humano derramado atormentava-o. Sempre sonhou com uma idade de ouro onde todos se dessem as mãos para a resolução dos grandes e dos pequenos problemas e não suportava

a ideia de que os homens se assemelhassem aos outros animais, instintivamente violentos na luta pela vida.

Amava as plantas, observava os delicados rendilhados das suas folhas, o diverso, belo e harmonioso colorido das pétalas das flores, inalava com prazer os mil perfumes espalhados pelos campos e sempre se preocupou com o equilíbrio biológico, mesmo antes de ter surgido todo o tipo de apreensões ecológicas.

A manutenção da vida merecia todos os esforços e cabia ao homem aproveitar-se dos bens da natureza para com eles tudo fazer em ordem ao bem comum de toda a sociedade.

Amava a simplicidade, a beleza das pequenas coisas e derramava sobre tudo, em ânsias, o seu amor incontido, sem esperar recompensas.

bibRIA

bibRIA

bibRIA

Laivos de história na evolução tecnológica

bibRIA

bibRIA

Um seu irmão de sangue a quem a brutalidade de um professor primário e um erro clínico limitaram o seu espaço de vida, tinha o seu quê de pensador e citava muitas vezes alguns autores que não agradavam a toda a gente. Afirmava, com frequência, perante as iniquidades do regime político, que as leis são sempre conforme os Afonsos que as fazem - ideia haurida na leitura de "Tibério, Filósofo e Moralista" de Albino Forjaz de Sampaio".

Por outro lado, vivendo sempre numa penúria mediana, dizia que mais valia morrer dentro de um carro do que debaixo dele; e, aceitando a precariedade da vida humana no evoluir do tempo, mostrava-se a par do fatalismo árabe, afirmando que quem tem de morrer de um tiro não morre de uma facada.

Era uma flor humana este seu irmão, nascida do mesmo pé. Era um tesouro de bondade, um cofre riquíssimo em amor a tudo e a todos, que esbanjava prodigamente nas suas conversas, irradiando uma simpatia ímpar.

Não teve tempo de correr atrás de libélulas nem de ir à procura dos ninhos, mas deliciava-se e desfazia-se em ternura com os pardais que todos os dias lhe vinham comer à mão bocadinhos de miolo de pão feitos em bolinhas quando tomava a sua caneca com leite e café, no rebordo da janela do seu quarto.

Constitui a grata referência em recordação que vai servindo de exemplo, porque o suave testamento que deixou ao fim de quarenta anos incompletos, não era constituído por outros bens que não fossem a sua imensa bondade e a vinculativa saudade que aflora ainda a sua atraente comunicação, marcada com laivos de humorismo e de brejeirice saudável.

Lá longe, no princípio dos tempos, o homem descobriu o lume caído dos céus ou o fogo vindo das fusões ígneas das entradas da terra, em turbulências fantasmagóricas; utilizou a pedra e o pau; fez lâminas de pedra e aguçou e tostou a ponta do pau; associou os dois e fabricou o *coup de poing*.

Tendo imaginado as primeiras armas e os primeiros instrumentos paleolíticos, fabricou punhais e pontas de setas em sílex e, saindo das cavernas donde os desalojou, abateu animais, tirando-lhes a pele que usou para se cobrir e levou a carne ao fogo; inebriou-o o odor instintivo daí resultante, provou-a e gostou. Fabricou pequenos utensílios de pedra como raspadores, fabricou agulhas, pontas de lança, arpões, a partir do osso e do chifre; poliu a pedra – neolítico – e pintou o interior das cavernas, utilizando o ocre e outros produtos minerais a que juntou o óleo extraído dos animais abatidos, dando origem à *arte rupestre*.

Foi-se sedentarizando, abriu sulcos na terra, espalhou sementes espontâneas, deixou-as crescer, colheu-as para seu uso próprio e foi-se fazendo recolector.

Depois veio a descoberta dos metais que, primitivamente trabalhados na sua pureza, não revelaram grande consistência; descobriu as ligas e entrou na idade do bronze, com novas armas mais mortíferas, mais duradouras e mais eficazes quer na prática da caça quer nas lutas entre outras etnias e outros povos.

Tudo isto fica tão longe no tempo! Mas, ao lerem-se estas actuais narrativas históricas, caminhamos ao longo dos séculos envolvidos

por verdades limitadas que, ainda que sujeitas a muita fantasia, se tornam conhecimentos agradáveis ao espírito.

Aquele irmão, que era pessoa de eleição, extasiava-se com tais leituras sobre o passado longínquo que as escavações arqueológicas, nos planos estratificados de sedimentação, vão fornecendo tantas riquezas escondidas, passíveis de estudo e de alguma especulação.

Estruturam-se civilizações, e as riquezas e a arte foram invejadas umas pelas outras, entraram em convulsões, houve invasões, conquistas, massacres, violências de toda a espécie, crueldades sem fim. E as sociedades assim foram evoluindo, umas desejando a justiça e a paz através do bem comum, outras dizendo o mesmo mas utilizando a força e o domínio para as sustentar... Quem pode acreditar no homem e nas suas palavras cheias de duplos sentidos e com intenções encobertas mas determinadas? Proclama-se a paz e o amor, a justiça e a concórdia, mas utiliza-se a guerra para se atingirem esses fins.

Para onde vamos? Qualquer visão optimista do mundo pode ser ofuscada por uma convulsão imposta.

Os pensadores, os filósofos e outros tiveram razão ao criarem sistemas teóricos de um regresso ao estado primitivo e selvagem, já que tem sido o próprio homem o maior destruidor da natureza-mãe, com todo o tipo de poluição aos mais diversos níveis. Todavia, regredir nesse sentido é absolutamente impossível e tornou-se inconcebível dentro dos modernos esquemas mentais.

Todos assistiram aos grandes conflitos mundiais que tiveram o seu nascimento no centro da Europa. O herdeiros da Áustria Francisco Fernando e sua esposa baquearam assassinados em Sarajevo⁸ e a Alemanha imperialista, com o seu Kaiser e o seu Bismarck¹⁰, de rosto façanhudo, fez eclodir a primeira grande guerra que escorregou ao longo do estreito de Dantzig . Muitos homens de todas as nações

da Europa deram a sua vida como toupeiras metidos nas deploráveis trincheiras da França, abatidos por tiros, por bombas, pelas condições climatéricas e por gases lançados voluntariamente. O aço e a pólvora promoveram combinações estranhas para provocarem a mortandade.

Enquanto os aeroplanos começavam a dar, no espaço aéreo, espectáculos terríficos com lutas em que sobressaía o comandante Von Richthofen¹² contra os pilotos aliados, em terra as primeira máquinas de guerra, feitas de ferro e aço, moviam-se sobre lagartas articuladas e provocavam o pânico entre os adversários que ainda não possuíam processos de as deter; no mar os primeiros submarinos torpedeavam e afundavam os barcos que transportavam homens, víveres e outros materiais indispensáveis, atirando, sem clemência, para o fundo das águas, muitos bens e milhares de pessoas praticamente indefesas. E a morte é sempre um espectáculo triste, quer seja resultante de uma doença, da velhice, de um naufrágio, quer venha ou tenha vindo através de uma condenação qualquer de acordo com a época, como o corte de cabeça pelo algoz em cima de um cepo, como um acto de ser queimado vivo numa fogueira inquisitorial, quer por meio do punhal, do veneno ou do fuzilamento como aconteceu ao grande poeta de Espanha que foi Frederico Garcia Lorca¹³.

Morrer, para além de todo o sofrimento que causa ao próprio e aos outros, é sempre um acto doloroso de separação que não mais tem retorno.

Foi grande esta primeira guerra na Europa, a qual conglobou quase todas as nações, estendendo os seus pavorosos tentáculos até mais longe.

Foch¹⁴ venceu Ludendorff¹⁵ na batalha de França em 1918, e a Alemanha vencida teve de assinar o tratado de Versailles, em Junho de 1919, o qual instituía como guardião da paz, a Sociedade das Nações; então distinguiu-se Clémenceau¹⁶ que teve oportunidade de afirmar: “Eu quero ser enterrado de pé, com a cabeça acima do coração e o coração acima do estômago”.

Mas isto não foi senão a mudança de cenários até ao aparecimento da Segunda Grande Guerra, porque a agressão da Alemanha contra a Polónia confirma praticamente o seu começo e da qual resultaram tão tristes memórias.

Aperfeiçoaram-se as máquinas de guerra na terra, no ar e no mar, tornando-se cada vez mais eficazes na violência e na crueldade; um Führer¹⁷ enlouquecido, sonhando com a pureza de uma raça e criando uma mística fanática, na luta incessante contra o semitismo, planejou o execrável extermínio dos judeus em campos de concentração, como um autêntico holocausto. Os seus poderosos exércitos, enviados em todas as direcções, começaram a sentir o peso de coligações universais e foram-se aproximando da derrocada inevitável. Como todos os grandes ditadores, Hitler e os seus apaniguados tiveram os seus momentos de ascensão, os seus períodos áureos e os seus dias de aniquilamento em queda vertiginosa e de lástima.

A premeditada e intencional destruição da cidade de Guernica¹⁸, no norte de Espanha, pelos junkers¹⁹ alemães, está longe de ser evocada com todos os seus aspectos monstruosos vividos no próprio tempo, quer por escrito quer na célebre pintura de Picasso que porta o seu nome. Somente relembra a monstruosidade do acontecido e, ao fazê-lo, perpassa nas suas linhas e nas suas cores um arrepião da fatalidade e a dolorosa sensação do sentimento aí percepcionada.

O dia D estava aí, delineado na estratégia dos comandos aliados com o desembarque colossal nas praias da Normandia²⁰. Apertava-se o braço de ferro às ondas belicistas dos alemães.

Entretanto, os céus deste país de quimeras, de aves e de libélulas foram cruzados por uma enorme quantidade de aviões, dos mais variados tipos e feitiços, que se dirigiam para o norte de África e zonas mediterrânicas. O prestigioso marechal alemão Erwin Rommel²¹ – a raposa do deserto – com as suas colunas do Afrika Korps²² davam

espectáculo nos terrenos do norte africano e causavam engulhos aos exércitos aliados, onde também surgiu o grande estratega inglês, marechal Montgomery²³ que, mantendo elevado respeito pelo comandante adversário mais directo, guardava, com toda a admiração, o seu retrato na tenda pessoal de campanha. Nunca teve realização a sua ideia de, vencendo-o, conversar com ele directamente.

A sua morte, envolvida em certo mistério, acontecendo de modo inaudito e cobarde, já na Alemanha, quando o seu carro foi metralhado, privou os ocidentais da sua futura e notável presença, quando o seu próprio país poderia usufruir, futuramente, da sua grande capacidade de homem e de organizador, bem demonstrada como chefe do exército nazista.

Perpassam na nossa memória ecos de grandes batalhas, nomes que se tornaram lendários, como a celeberrima batalha naval do Rio da Prata²⁴ ou o nome de couraçado de bolso Bismarck, poderosíssima máquina de guerra sobre as águas do mar, a sua vitória sobre o maior navio de guerra do mundo, que era o orgulho da Inglaterra, o Hood, que baqueou perante um tiro certeiro do couraçado alemão. Outras tantas lutas violentíssimas, tantos milhares de homens sacrificados, tantos horrores generalizados, tantos medos espalhados pelo mundo, tudo em nome da liberdade que tardava em chegar e fazia estarrecer as nações e os povos mais pacíficos sobre a terra. Lembra-se também a Grã-Bretanha que passou momentos aflitivos com a chamada Batalha da Inglaterra com os grandes bombardeamentos e com a utilização das bombas V2, os chamados aviões sem piloto. Mas não foi menos doloroso para a Alemanha suportar a destruição de muitas das suas cidades, com a morte de milhares de pessoas inocentes, após a vaga dos bombardeamentos, espécie de retaliação, por meio de centenas de aviões bombardeiros, transformando o solo e os céus da Alemanha num verdadeiro inferno.

Fases de uma guerra medonha que foi afinando a perspicácia dos homens na arte de matar e de morrer, cada vez com mais eficácia na destruição de tudo e de todos e que veio a culminar com o aproveitamento da invenção dessa bomba maldita, produtora do maior e do mais venenoso cogumelo, que foi chamada a bomba atómica, lançada sobre algumas cidades japonesas, entre as quais sobressai Hiroshima²⁵.

Perante ela, os Zeros²⁶ e os Kamikazes²⁷ na baía de Pearl Harbour²⁸ não foram senão pequenos engenhos de destruição, ainda que tivessem provocado a grande admiração do mundo inteiro, pela devastação inesperada que provocaram na poderosa esquadra americana e nos seus tripulantes.

Impôs-se o conhecido Julgamento de Nuremberga para os maiores criminosos de guerra.

Mas, quando íamos à nossa barbearia da aldeia, sempre continuámos a ficar impressionados com um mapa colorido da Europa que o barbeiro tinha afixado numa das suas paredes. A sua leitura mostrava-nos o poderoso Estaline²⁹, sentado na sua peanha da Rússia, segurando nas mãos as trelas dos ferozes ursos que se lançavam, raivosamente contra as indefesas nações que se situavam no perímetro das suas fronteiras. Era a simbologia apavoradora do avanço do comunismo.

Tudo perpassa no pensamento do homem, como ecos de um passado longínquo e, embora relativamente recente, já esfumados no tempo.

Na actualidade, a luta entre israelitas e palestinianos tornou-se uma espécie de vira da guerra, em que os ataques e as mortes se verificam sistemática e alternadamente:

Ora agora ataco eu
Ora agora atacas tu
Atacas tu mais eu

Ora agora mato eu
Ora agora matas tu
Matas tu mais eu

Os povos pacíficos só vêem cruzar os ares, a baixa altitude, as libélulas, as borboletas e as aves, mantendo os seus ciclos de vida e procurando os meios de subsistência que a natureza, com o verde da sua vegetação e o colorido intenso das suas flores espontâneas, vai oferecendo ao reino da paz, numa harmonia natural que injecta no ser humano as suas doses de serenidade e de complacência.

Todos temos corrido a viver ao sabor dos tempos, por vezes enquadrados em esquemas sociais que nos agradam ou que nós próprios rejeitamos ou abjuramos. E, quando o homem cai na rotina e na paz podre, sempre procura arranjar comichões com que se coçar. É que a satisfação de uns poucos gera sempre a insatisfação da maior parte que continua também à procura de um lugar ao sol para se aquecer. Nada há que valha a vida das próprias pessoas, sejam elas quais forem.

As grandes turbulências sociais dentro das próprias nações ou entre países não podem justificar as calamitosas mortandades onde todos se podem incluir. Inocentes e culpados, operários, trabalhadores rurais, médicos, professores, cientistas, escritores, todos podem sucumbir à inclemência dos grandes flagelos. Não há respeito por nada nem por ninguém e também parece não haver antídotos para as catástrofes devastadoras, sejam elas provocadas pelo homem todo poderoso ou mesmo as naturais a que os meios humanos ou artificiais não podem pôr cobro ou sequer amenizar. De tudo isto, porém, a humanidade resistente e acrescida tem tirado sempre grandes lições, aproveitando, com inteligência e perspicácia, os resultados calamitosos, no sentido da descoberta e de novas conquistas para o bem de todos, ainda que, ecologicamente, todos tenhamos vindo a perder.

Os pesados maquinismos, apoiados em lagartas de aço ou em fortes pneus, movidos por motores potentíssimos, abrem novas vias de comunicação, destroem milhentos edifícios mais envelhecidos ou menos e ajudam a elevar nos ares numerosas florestas de betão, tudo

em nome do progresso modernista, de uma melhor qualidade de vida e do respectivo conforto humano. Por oposição, rasgam-se e inutilizam-se vastos hectares de campos de cultura, abatem-se largas matas povoadas de vegetação espessa, desaloja-se a fauna natural e faz-se estiolar a variada população vegetal que atapeta os terrenos há vários séculos.

Criou-se a ciência ecológica para combater todos os danos que trouxe consigo a expansão da poluição e da destruição como resultado de um progresso avassalador.

O nosso horizonte, que outrora era amenizado pela suavidade dos tons de verde, tolda-se com as elevações de cimento, de ferro e de betão; esse velho panorama, que hoje só existe na nossa imaginação, parece não ter já a luminosidade e a claridade a perder de vista; e, nos dias mais cinzentos, tudo se confunde no estanho húmido do céu, mas já não se ouve, como antigamente, o bramido do mar enraivecido nem os pios lamentosos dos alcíones e dos abibes. Os ruídos dos motores substituíram o gemer plangente das noras e dos engenhos de ferro com os seus alcatruzes, na elevação continuada das águas dos poços para irrigarem os canteiros das nossas culturas tradicionais. Tudo passou no decurso dos tempos e esses processos hão-de ser substituídos, futuramente, por outros de técnicas mais modernas e ainda mais simplificadas.

Quando chegam os frios, ainda que os campos fiquem cobertos pela toalha branca de geada e a tona das águas paradas se assemelhe a vidro, há ainda tempo para vegetarem os nabos, os bróculos e as alfases; e, em lugares propícios e mais soalheiros, as violetas, roxas e brancas, esmaltam a folhagem verde que lhes dá origem e as abriga, derramando o seu delicado perfume inconfundível.

Os animais de sangue frio estão recolhidos nos seus cubículos e nas suas tocas à espera do aumento do calor que tudo passa a animar. Então, a terra desventra-se em vegetação com flores e frutos e os campos,

cobertos de tapetes coloridos de plantas espontâneas, parecem extensos jardins naturais onde a vida é intensamente movimentada.

As mariposas, nas suas danças imparáveis, osculam as variegadas flores e esgotam as suas urnas de néctar e de pólen com as pequenas trombas espiraladas e todos os insectos com as pás das suas antenas. Fazendo rastejar o seu olhar sobre a erva dos prados, o homem pode deliciar-se com a harmonia das cores e com toda a movimentação que parece desencontrada e sem ordem. Mas tudo está dependente da força dos instintos – tudo está subordinado e integrado na superior mecânica da criação em que a natureza é mãe pródiga, porque dá sempre mais do que promete.

bibRIA

bibRIA

enfocando su punto de vista en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder. La teoría de la cultura de la información se basa en la idea de que el conocimiento es una forma de poder.

bibRIA

Voltas que a vida dá

bibRIA

bibRIA

Demos a volta ao mundo, demos a volta à vida, como pensava e como escreveu Junqueiro³¹. Conhecemos outros povos, outra filosofia de vida, outros usos, outras tradições. Escrevemos muito e admirámos a força atávica veicular dos costumes de várias etnias. Não fomos críticos demolidores das particularidades intrínsecas de qualquer povo. Registámos, fizemos comparações, tirámos algumas ilações. Nem tudo o que há é bom; nem tudo o que parece é; nem tudo o que parece bom agrada a todos. Tudo o que significa sacrifícios humanos, seja a que nível for, é passível de se tornar melhor, encontrando novas condições de vida mais estáveis, sem guerras ferozes nem lutas violentas. Muitos, abandonados a si próprios, tornaram-se presas de outras rapinas, talvez mais contundentes. O homem tem a liberdade de pensar e de escolher, logo, de arrostar com as consequências do seu pensamento e da sua escolha quando se sente atingido. Todo o homem tem a possibilidade e a liberdade de sonhar; mas o sonho nunca corresponde à realidade. Há sempre alguma coisa de desconexo e de pouco claro em qualquer sonho que tenhamos. É bom sonhar acordado porque a realidade ainda não está próxima e, às vezes, não há nem pode haver correspondência.

Quando se passa muito tempo fora da terra natal, o regresso aviva os vínculos ao ninho amado, onde se nasceu e cresceu criança. Procuram-se os recantos onde brincámos, as árvores que abraçámos

e nos deram sombra e frutos, mas muita coisa se modificou. Os lugares estão lá, talvez entre paredes novas; as árvores tornaram-se velhas ou desapareceram; e a aura de poesia que cercou a vida infantil e juvenil jamais se recupera, porque o tempo tudo transforma e a tudo dá fim. E também nós já não somos os mesmos para vivermos, do mesmo modo, esse passado totalmente ausente. Já não somos como aves despreocupadas, somente à espera do biscato em momentos propícios. Já não chilreamos; agora, cantamos e dançamos, mas o nosso canto e a nossa dança resultam das preocupações da vida activa que ainda possamos ter. As águas do rio que passam nunca mais ali voltarão a passar; e o tempo que se dilui jamais será o mesmo; cada momento terá a marcá-lo as características peculiares que o tornaram presente na vida de cada um. O presente é um estádio passageiro na existência das pessoas e cada momento a mais são gotas de futuro que se apressam a estar presentes. O passado, esse, passa a ser recordação.

Nós rimos da política e dos seus políticos; das lutas ideológicas renhidas, travadas em momentos de eleição e não só. Lamentamos os ataques baixos, as calúnias, as injúrias inqualificáveis, os jogos de palavras sempre com segundas intenções, o baixo preço por que se têm, muitas vezes, pessoas consideradas amigas e capazes. Porque o nobre conceito de política se desvirtuou, não acreditamos nela nestas condições. Muitos políticos, que fizeram um caminho em zigzag, repudiam hoje o que defenderam ontem com intransigência. Chegam a reconhecer os seus erros que vão desculpando como podem, mas as atuais desculpas já não convencem ningumém.

Da velha palavra grega, *polis*, com o significado de cidade, vêm relacionados com ela os seus próprios habitantes e os que nela mantêm ou devem manter a ordem. Assim, o polícia, a polícia, o político e a política suportam a positiva seiva linguística que os faz viver. Como arte de bem governar os povos, se bem que necessária, deixa muito a desejar e muitas vezes se tem tornado um desastre sociológico.

Do muito que se promete e oferece, só um mínimo, e nem sempre o melhor, se recebe. E o povo é quem sofre, apesar de ser ele quem tudo sustenta. Daí que haja a noção negativa atribuída aos politiqueiros e às suas politiquices. Mas o homem bom, de senso aprimorado pelos grandes valores universais, sé-lo-á sempre em qualquer circunstância e em qualquer lugar que possa ocupar; e, porque já não pode fazer tudo sozinho, os outros, ainda que antagonistas, esquecem-se de que, até com os seus ataques intempestivos e com os seus critérios desfavoráveis, o podem auxiliar e tornar mais válido.

Seria lógico que, da política, resultasse melhoria social; e isso vai acontecendo sempre em ritmo lento, porque o conceito de economia, os respectivos esquemas e todo o tipo de burocracia chegam a atrasar medidas urgentes. Os órgãos sociais aparecem sempre emperrados, quer por incapacidades dos responsáveis mais directos quer a nível superior – sempre tudo muito subordinado aos interesses e aos critérios dos partidos políticos na governação.

Quem sofre mais são as pessoas situadas na escala social mais baixa. Quer se queira quer não, há pessoas que não têm tecto, há pessoas que passam fome, há pessoas que passam frio, há pessoas que têm falta de saúde e dificuldades de meios para se curarem, há pessoas que não se sentem em segurança. Só se pensa e só se procura amenizar estas carencias quando surgem casos extremos. A política de intervenção aos vários níveis tem-se mostrado deficiente e incapaz de colmatar situações de ruptura generalizadas, que sempre vão aparecendo no meio do tecido social.

Há quem viva da droga, mas os mais infelizes são os drogados. Com a droga andam associados muitos outros males que parece não terem solução. O roubo, o crime a sida, outros tipos de violência, assentaram arraiais no meio de comunidades pacíficas que, apavoradas, não sentem o gosto de usufruírem de uma existência em alegria e em

serenidade. As pessoas vivem paredes meias com o pânico, porque o pior pode chegar de qualquer lado e em cada momento.

O desporto pelo desporto até está correcto. O desporto pela política e pelos interesses económicos é detestável e não deve interessar. Os clubes e os seus apaniguados são como os partidos e os seus correligionários. Atacam-se, insultam-se, caluniam-se.

Esse desporto político-económico-social está muito longe das aspirações sensatas de todos aqueles que querem o simples desporto pelo desporto. Milhares de contos envolvidos nas transacções e nas aquisições de jogadores, naturais e estrangeiros, são uma ofensa grave a todos os outros que não têm que comer, não têm que vestir, nem têm um humilde e decente catre para passarem a noite. Há pessoas que são autênticos farrapos humanos; muitas que se escondem na sua vergonha, outras que, acintosamente, mostram a sua discriminação à sociedade dos bem instalados que encontram sempre razões para se desculparem e culparem outros. Ao fim e ao cabo, todos têm os seus objectivos em vista; só que uns têm degraus para subirem enquanto outros só têm degraus para descerem.

O mundo está assim. Os que mais lutam para o transformarem são provavelmente os que menos podem. O que tem pouco será, talvez, o que mais se preocupa com o que nada tem; é capaz de proporcionar um auxílio, oferecendo o que lhe faz falta; o que tem muito só porá à disposição dos outros o que não lhe faz falta. Esta dicotomia põe em perigo a sociedade, porque os dois referenciais que se opõem estarão sempre em luta. A terra e os bens terrenos são de todos, mas nem todos podem usufruir deles. Não são os pobres que fabricam as grandes máquinas de guerra nem inventam os poderosos esquemas bélicos; mas são eles que manejam as armas feitas pelos outros, obrigatoriamente inseridos nesses mesmos esquemas, como peças utilitárias que são.

A liberdade de cada um

bibRIA

the world's leading research institutions, and universities, and
is a producer of high quality, yet low cost, titles from all over the
world. Our extensive library of classical books has been expanded
and updated to include publications by scholars, journalists, and
writers from around the globe.

The publishing industry is experiencing a vast market change due
to advances in technology and the growth of computerized systems.
Today, millions of books are digitized, and can be easily
downloaded or purchased through electronic commerce. As a result,
traditional authors and publishers are faced with the challenge of how
to make their books more accessible to people from all over the
world. This is where our company comes in.

bibRIA

Our mission is to provide a platform for authors and publishers to share their work with the world.

We offer a wide range of services, from book reviews and promotional materials to your unique needs. We have gathered a
team of highly experienced professionals who are dedicated to providing
the best service and support to our clients. Our team includes:
Editorial Staff, Marketing Department, Production Department, and
Customer Support. Our website is designed to be user-friendly, allowing
for easy navigation and access to our services. We also offer
several payment options, including credit card, bank transfer, and
banking, making it easier for you to pay. We also offer
several shipping options, including FedEx, UPS, and DHL. Our prices
are competitive and we strive to offer the best value for your
money. We are committed to providing you with the best
experience possible.

At bibRIA, we believe in the power of knowledge and the
importance of sharing it with the world. We are here to help you
achieve your goals and dreams, and we are confident that
we can do so with our expertise and experience.

A liberdade de cada um

bibRIA

bibRIA

A liberdade absoluta é um bem tão precioso que é impossível atingi-la em toda a sua extensão e em todo o seu estado de pureza. Ninguém é totalmente livre. Sempre se depende de alguma coisa; ainda que se rejeitem documentos de identificação e nos tornemos anarcas ou vagabundos. É que, se não dependemos dos esquemas sociais, ou não quisermos depender, somos sempre subjugados por alguma coisa nem que seja pelas leis da natureza que, impreterivelmente, têm de ser respeitadas.

As aves e os outros animais selvagens parecem viver em liberdade absoluta; todavia, todos estão subordinados ao seu meio próprio, ao seu ambiente natural, onde se alimentam e criam os filhos. Tudo o que tem vida mantém uma dependência intrínseca; e, cortada a linha do seu ciclo biológico, podem destruir-se os elos naturais específicos e chegar-se à própria destruição das espécies.

A liberdade é como um tesouro escondido que, para se alcançar, se tem de correr numerosos riscos e não se pode ter na mão como qualquer dádiva particular. É um dos grandes objectivos de todos os homens que, como todos os seres vivos, não escapam às fatalidades biológicas. O melro, que partiu uma asa por acidente, poderia curar-se e continuar a voar em qualquer terreno; mas, não tendo força para se elevar nos ares durante algum tempo, fica à mercê de qualquer gato que, se o vislumbra, não lhe perdoa a vida. O ambiente natural está

cheio destas tragédias que o próprio homem não pode evitar, até porque ele próprio é capaz de matar sem que, para isso, haja uma justificação adequada.

Passamos todos o tempo neste país de delícias, sem ser o Eldorado³² de Voltaire³³, que jamais se alcança e onde todos poderíamos ser felizes. A filosofia do optimismo colide com os grandes ideais, porque, passeando nós sobre a terra, verificamos que toda a gente critica e todos se lamentam. Por isso, cada um tem de suportar a loucura da vida e nada mais poderá fazer do que cultivar o seu próprio jardim.

Esta coisa de democracia tem muito que se lhe diga. O povo ora elege ora recusa os seus representantes, mas deixa-se governar por um conjunto de eleitos que nem sempre lutam, ou podem lutar, em seu favor, nem sempre lhe dão o que prometeram, nem sempre o chamam às grandes decisões nacionais ou até às de carácter internacional que também lhe possam dizer respeito. Então, o povo desiludido passa muitas vezes a ser governado contra a sua feição, cultivando a sua própria horta com os respectivos legumes e as suas flores, esbanjando a sua força e o seu suor a céu aberto, enquanto eles vivem de discursos bem orquestrados e de palavras ocas, pronunciadas à sombra e a seu belo prazer.

Há países, na Europa, que não aderiram à moeda colectiva e outros mostraram-se relutantes em entrar na CEE. É caso para perguntar até que ponto é que a massa popular deu a sua opinião para entrar na Comissão Europeia ou aceitar o *euro* como sua moeda universal. Mas os caminhos foram traçados e os povos, metidos neles voluntária ou involuntariamente, encontram-se subordinados às decisões e às orientações do centro da Europa. Entendemos que os referendos, quando se acreditar nos políticos, são a única via de o povo dizer o que quer e o que lhe apraz.

Somos daqueles que gostam pouco de viajar e de passear em países estrangeiros. As nossas experiências, neste sentido, se foram úteis e nos trouxeram alguma felicidade e novos conhecimentos, foi porque tais deambulações eram inerentes à profissão e sentíamos todo o brio em aprender, em nos aperfeiçoarmos, em nos enriquecermos culturalmente.

De Paris, Bilbau, Tarragona, Málaga, Sevilha, não prevaleceram grandes e boas recordações de contacto com os populares. A nível dos responsáveis, sim, acolhimento saudável e reconfortante. Pelo menos, aparentemente.

Estimámos muito mais o contacto com os povos dos territórios onde se falava, e ainda fala, português – Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira, Quelimane, Nampula, Vila Cabral, Ilhas de São Tomé e de Cabo Verde – e não tanto pelo uso da língua mas muito mais pela índole das próprias comunidades gentílicas.

Entendemos que os portugueses nem sempre eram bem recebidos nas sociedades europeias que se mostravam ariscas e desinteressadas, sobretudo se não se sabia usar a sua língua na comunicação. Em contrapartida, os estrangeiros em Portugal pensavam que os portugueses tinham obrigação de falar as suas línguas. Franceses, alemães, ingleses. Para estes, então, só a sua língua contava.

Em Coimbra, um colega, estudante de Românicas, abordado por um casal inglês usando só a sua língua, foi por ele interpelado: *Can you speak French? Italian? Spanish?* – ao que o homem inglês respondeu sistematicamente: *No, sir.* Então, o nosso amigo, mal humorado, replicou: *Ora merda* – e voltou-lhe as costas.

Em Portugal, nas nossas próprias aldeias, nós passámos a usar outra estratégia mais delicada, sobretudo com os turistas franceses. Quando, um dia, nos perguntaram: *L'eau, est-elle bonne à boire?* – referindo-se à água de um chafariz no centro da povoação, respondemos,

delicadamente, em bom português: *Sim, a água é boa para beber; podem com ela encher qualquer recipiente.* O francês, meio atordoado, encolheu os ombros e exclamou somente: *Je ne comprends pas.*

Então, sentimos um certo prazer em dar lição: *Quando somos nós que estamos em França, se perguntarmos qualquer coisa na nossa língua, respondem-nos com petulância e má educação: Je vous emmerde tous! E prosseguem o seu caminho.*

Por isso, não gostamos dos estrangeiros nem de ir ao estrangeiro. Não os hostilizamos mas também nada fazemos por lhes tornar a vida fácil. Não pensem eles que são superiores como pessoas e que só a sua língua é que deve ser conhecida pelos outros. Muitas vezes pensam que nós somos uma mera província de Espanha, onde vive um bando de ciganos organizados; não sabem nada de geografia nem de história.

Destas situações negativas resultou o nosso desagrado, por ser contrário àquilo que fomos e àquilo que queremos ser. A História Universal pode ensinar muita coisa a todos; assim eles queiram estudar e aprender.

bibRIA

bibRIA

Journal of Business Ethics is a monthly journal that publishes research articles, book reviews, and other contributions that explore the ethical issues that arise in business. The journal is interdisciplinary, featuring articles from management, accounting, marketing, finance, law, philosophy, and other fields. It is also international, with authors from around the world. The journal is committed to publishing high-quality research that makes a significant contribution to the field of business ethics. The journal is peer-reviewed and is open to submissions from all areas of business ethics, including corporate social responsibility, business law, and organizational behavior.

Recently, the journal has expanded its focus to include research on the ethical implications of technology, including the impact of automation on employment, the role of technology in sustainable development, and the ethical implications of new technologies such as nanotechnology and robotics. The journal also continues to publish research on traditional topics such as corporate social responsibility, business law, and organizational behavior.

bibRIA

Com a cultura é que vamos

bibRIA

bibRIA

Com Camões³⁴, cantaram-se os feitos dos portugueses, os mares e os seus perigos; sulcaram-se os oceanos em navios que eram cascas de noz.

Com Vieira³⁵, sentiu-se o contacto com povos aborígenes e os meandros da exploração humana e da escravatura; vislumbrou-se o Quinto Império³⁶ feito de ilusões.

Com Pessoa³⁷, veio à mente o nebuloso Quinto Império e os navios navegavam no interior dos troncos das árvores.

Realidade – Poesia – Sonho – Ilusão e Utopia.

Estamos numa encruzilhada de culturas em que a maior parte dos emigrantes regressa ao país natal respectivo.

Portugal foi sempre um país de emigrantes. Avaliando a idiosyncrasia e a índole dos portugueses, verificamos que, se na maioria dos casos, foi o baixo poder económico e um apagado nível de vida que os fez deixar a terra-mãe em busca de proveitos mais vantajosos; também a ânsia de aventura, o seu próprio carácter aventureiro e o natural atrevimento para correr riscos à procura do exótico e do desconhecido, tiveram a sua quota parte de responsabilidade no elevado movimento migratório.

Daqui que as longas viagens, o estabelecimento demorado em qualquer outro continente, o amor traduzido por laços familiares e amigos ao seu torrão natal, fizeram despertar esse nobre sentimento português, que é a saudade – sentimento que acordou a sensibilidade

e a curiosidade dos poetas, dos filósofos, dos escritores em geral. De facto, desde os trovadores medievais, passando pelos poetas do século XVI até aos mais recentes; desde o eloquente rei-filósofo D. Duarte³⁸, passando por Rodrigues Lobo³⁹ e D. Francisco Manuel de Melo⁴⁰ até ao nosso Garrett⁴¹ e muitos outros, como D. Carolina Micahélis de Vasconcellos⁴², todos procuraram compreender e definir esse conceito complexo que muito nos fala da nossa maneira de ser e de estar no mundo.

Interpenetração de culturas em que cada um que chega traz sempre qualquer coisa de novo, de que gostou e que passou a usar como se fosse seu, quer se trate de vestuário, de alimentação, de outros hábitos de trabalho, de outras manifestações. Também a língua tem suportado acrescentos que nem todos aceitam de bom grado, particularmente os puristas e os grandes defensores da unidade linguística nacional. É verdade que, hoje, em qualquer povoação se pode ouvir uma linguagem mesclada, que vai desde a forma de pronúncia incluindo o próprio ritmo melódico, até à utilização de palavras de origem castelhana (Venezuela), do francês (França) e do português brasileiro (Brasil) com o seu próprio sotaque bem arrimado à sucessão das telenovelas que passam nos canais da televisão.

Há quem continue a pensar se este cruzamento de culturas, nos seus aspectos comezinhos entre as necessidades primárias da vida, integrando a própria comunicação oral, será um aumento de riqueza do nosso património ou se serão laivos de deterioração da nossa própria identidade. É irreversível esta contaminação que nos vem de fora e passa a fazer parte integrante do nosso quotidiano, com todas as possíveis virtudes e com todos os seus defeitos, que podem abalar profundamente os nossos usos e costumes, aquilo que nos identifica entre os outros povos e nos facilita sermos únicos no mundo.

Cabe a todos os cristãos e a todas as pessoas de bom senso filtrar as observações feitas sobre os outros através da peneira do amor e da

tolerância, em ordem a uma comunhão de sentimentos em que impere a ternura, a benevolência e em que a solidariedade seja evidente.

Tudo isto ficará muito para além dos complicadíssimos conceitos dos grandes craques da economia e da política, já que a vida de cada um se limita a um determinado espaço de tempo e de lugar, a um maior ou menor estado de saúde, a um processo de existência que assenta em caminhos, voluntariamente aceites, de simplicidade e de humildade ou, noutros casos, de maior requinte.

Quanto maior é a altura mais perniciosos são os resultados da queda. Os que voam baixo não vão cair de grande altura, embora tenham que suportar proporcionalmente, outras carências inerentes ao seu modo de pensar e de agir.

Parece que estamos deslocados neste mundo, que é nosso; mas muitos, e isso é fácil de ver, estão longe de se poderem considerar cidadãos do mundo inteiro, porque não lhes é dado usufruir de grandes regalias de que só uns tantos podem gozar. E também não se pode saber ao certo até que ponto o outro é meu amigo, sem hipocrisia, inveja ou ganância.

Diz-se que a juventude é generosa; é-o em parte. Diz-se também que as pessoas são generosas; são-no na medida em que o seu sistema de vida lho permita. Nas franjas que vão para além disso, há tanto que permanece mais ou menos escondido, tanto que se não diz nem faz. É difícil a comunicação aberta e franca até que possam estalar as fibras do coração, até que se abra a porta da alma e se desprenda totalmente a língua para se poder mostrar a nudez do corpo e a claridade do espírito.

Nas omissões e na retenção de segredos no subconsciente encerrar-se-á o grande pecado humano. Erro contra a própria pessoa e contra os outros. A psicanálise de Freud⁴⁹ leva aqui muitas vantagens e talvez houvesse lucros pessoais se muitos indivíduos despejassem e

descarregassem os medos íntimos e os tabus recalcados. Talvez a confissão dos católicos que, para além do sentido estritamente religioso, tem valor equivalente, não consiga ir tão longe porque está dependente da vontade de cada um em revelar ou em esconder muito do que lhe vai na alma, podendo-se tornar motivo de muita amargura e de muita inquietação.

É um momento propício para se tomar uma xícara de café. Estabelecimento soalheiro, de claridade em profusão, onde as pessoas se sentem mais ou menos bem, aonde entram para repousar uns instantes e cavaquearem sobre temas íntimos ou generalizados.

Os clientes chegam, procuram os lugares que mais lhes convêm e, antes que a menina, solícita, lhes venha perguntar o que querem, lançam o seu olhar pelos assentos e pelas mesas à procura do jornal diário que, além de outras, traz notícias repetidas, por isso já conhecidas.

Alguns comprazem-se em saborear o seu cigarro predilecto, ao mesmo tempo que vão tomando uma golada da negra bebida, lêem as notícias desportivas, em que se destacam os seus ídolos e os respectivos grupos de futebol.

Vista assim, esta actividade desportiva é pacífica; o pior é que o futebol é como a política e encontram-se nas intenções de se atingirem alguns objectivos. É que o futebol passou também a ser político, ainda que muitos queiram separar os dois campos.

Antigamente, em várias lojas das nossas aldeias, os donos afixavam alguns cartazes elucidativos: *É proibido discutir política e religião*. Hoje, em tempo dito de democracia, tudo é possível discutir: política, religião, futebol e... a vida dos outros, alimentando a má língua; muitas vezes, os ânimos aquecidos em busca das opiniões mais válidas para convencer os contendores, e, requentados por qualquer dose de bebida alcoólica, chegam a vias de facto, com pauladas, facadas e tiros à mistura. É que o povo não é assim tão pacífico e liberal como

em princípio parece ser. E a religião não é suficiente para pôr calma na fervura.

As tertúlias literárias e artísticas fixaram-se nas cidades. Há lançamentos de livros por todo o lado, alguns em estilo de vanguarda que não interessam a todos, outros apresentam-se como estudos que nada dizem à maior parte das pessoas, embora tragam alguma coisa de novo. Mas as grandes tiragens provêm sempre das editoras das grandes cidades e são objecto de vasta publicidade em revistas, em jornais diários e na TV, como peças de valor acrescentado. Muitos têm um valor relativo quanto à grande massa dos leitores nacionais e permanecem nos escaparates das livrarias porque os custos são elevados e nem todos têm dinheiro disponível para tais aquisições.

É ideia comum a de que, antigamente, se lia pouco; hoje, as publicações sucedem-se, consideramos algumas de real valor mas estão fora do alcance das bolsas da maior parte dos mortais interessados. Nunca se publicou tanto livro como agora; nunca se expuseram tantas ideias como nos tempos actuais; os autores têm todo o direito de expor o que pensam, nesta época de liberdade e de democracia; mas não podem obrigar ninguém a aceitar o que se expressa e muito menos a adquirir as obras. Parece-nos ser altura, também, das opções pessoais e da respectiva selecção sobre o que mais interessa a cada um.

Pessoalmente e proporcionalmente, não sabemos bem se aumentou, na sociedade em geral, a benéfica actividade da leitura, quando o jogo do computador virou uma atracção poderosíssima. A leitura passa a ser preocupação de muitos nos dias que correm, já que têm à mão bibliotecas bem apetrechadas, espalhadas por todo o país.

Cada vez sentimos menos estima por um certo tipo de homens. Schopenhauer⁴ filósofo alemão que expôs todo o seu pessimismo em "Mundo como vontade e como representação", baseando-se na oposição da vontade, substrato dos fenómenos e da representação do mundo

na inteligência, esmagava a mulher com as suas considerações filosóficas e sociais, particularmente no seu “Ensaio acerca das mulheres”.

Baudelaire⁴⁵, com as suas “Flores do mal”, oferecia temas provocadores de uma vida irritada, pois que, tendo ficado órfão de pai muito cedo, jamais perdoou à mãe o segundo casamento com o general Aupick⁴⁶; esbanjou os seus bens e destruiu-se a si próprio com a submissão ao álcool, ao deboche, à vida fictícia e fantasista; arruinando a própria saúde, cobriu a sua alma de amargura, ainda que tenha sido um cultivador da perfeição na expressão poética.

O homem é assim. Admitindo, por princípio, só a sua verdade, não dá lugar às razões dos outros. Obstinado e autosuficiente, admitindo só o que pensa estar certo, envereda por esse caminho contra tudo e contra todos. Quanto a nós, porém, não há meias verdades; ou é verdade ou não é; para certas pessoas, é muito difícil aceitar as opiniões dos outros e, mais difícil ainda, receber tudo aquilo que possa provar-lhes conceitos de vida errôneos e que os outros também têm o direito e a capacidade de pensar bem e com maior correcção.

Tanto do passado que se mistura com o presente! Até parece verdade que os bichos que convivem connosco são os nossos melhores amigos porque nunca nos traem. São dedicados em extremo. É causa de sofrermos muito quando nos morre o nosso cão preferido ou o nosso gato predilecto. É claro que a capacidade de amar só pertence ao homem; mas há animais tão dedicados que, com as suas atitudes, até parece que nos têm amor.

Se o homem não acredita na maioria dos outros homens, pode dedicar-se profundamente aos animais que o rodeiam ou a outros seres que, de maneira peculiar, lhe enviam as mensagens sempre libertas de qualquer aspecto negativo e frustrante.

Compreendemos todos aqueles que, tendo ficado desenganados com os pressionantes sistemas sociais, se refugiam no seio da natureza

bibRIA

e aí passam a auferir de uma vida tanto quanto possível pacífica, gozando de uma beatitude que, muitas vezes, expressam nos seus escritos.

Muitos dos nossos homens que foram célebres pela sua existência e por uma luta constante a favor daquilo que julgaram justo e válido, escritores ou não, vieram a baquear entre duas opiniões e ideais opostos, já que não foram capazes de superar as forças que, intrínseca e extrinsecamente, se lhes opunham. Está bem preenchida a galeria desses indivíduos activos e intelectuais que se deixaram afundar entre o que era e o que deveria ser, segundo os seus raciocínios. O século XIX, com as suas filosofias doutrinárias, entre as quais naufragaram, ofereceu-nos uma grande percentagem e, ainda hoje, por casos muito concretos, não conseguimos descortinar os verdadeiros motivos: Júlio César Machado⁴⁷, Camilo Castelo Branco⁴⁸, Trindade Coelho⁴⁹, Antero de Quental⁵⁰, Mousinho de Albuquerque⁵¹, Soares dos Reis⁵² e tantos outros, são exemplos de um desaparecimento pessoalmente voluntário, os quais, uma vez tomada a decisão e levada até ao fim, deixaram os críticos e os amigos mergulhados num mar de interrogações e de conjecturas, com toda a abertura para o delicado caminho da especulação. E o que é mais certo é que tais factos foram consumados.

bibRIA

is a library system for the Royal Institute of Archaeology. It is a centralised system for managing the collections of the Royal Institute of Archaeology and its affiliated institutions. It is used by researchers, students, and staff members of the Royal Institute of Archaeology and its affiliated institutions.

The system is designed to support the management of archaeological collections, including the acquisition, cataloguing, preservation, and display of objects. It also provides access to digital resources such as images, videos, and audio recordings related to the collections.

**Julguemos a morte o porto e o
refúgio para cada um de nós**

bibRIA

bibRIA

velhice, que é a fase final da vida, é um período de declínio gradual das funções corporais e mentais, caracterizado por uma diminuição da energia, da capacidade de resposta e de adaptação ao ambiente. A velhice é um processo natural que ocorre com o avançar da idade, afetando todos os sistemas do corpo, incluindo o nervoso, muscular, endócrino, imunológico e digestivo.

Ai de todo aquele que, chegado o inverno da velhice, já não encontra motivos para viver mais. Mesmo o que fez um filho, escreveu um livro e plantou uma árvore. Tendo perdido o vigor e as forças, ou se deixa abater pela fatalidade da decrepitude que, a pouco e pouco, vai tomado conta de si, ou procura reagir a seu modo até que a falência das forças físicas se vai acentuando com o decorrer do tempo e o vai obrigando a ficar parado, observando os outros e a natureza, à volta com os seus pensamentos e com o seu peculiar modo de ser.

Stefan Zweig³³ arvorou, entre os seus “Os grandes momentos da humanidade”, *A morte de Cícero*, este que foi um dos mais notáveis escritores clássicos, cuja obra ainda hoje podemos admirar, e que viveu entre 106 e 43 a. C. Grande lutador pela república e pela liberdade, morreu decapitado pelos soldados de António aos 63 anos de idade, morte somente justificada por rivalidades políticas e ideológicas.

Na sua obra “De natura deorum”, de cariz moral, Cícero³⁴ acredita na existência de Deus, no seu poder e na imortalidade da alma: *Mortem portum nobis et perfugium putemus*.

Contudo, entre os seus tratados morais, salienta-se “Cato Major seu de Senectute”, escrito em 44 a.C. e dedicado a Ático. É uma maravilhosa obra escrita em diálogo, na qual sobressai esmero de afabilidade e um encanto especial. Nela, Catão, o Antigo, faz o elogio da sua velhice, perante os seus amigos Laelius e Scipio. Mas o

louvor da velhice vai para além desta fase da vida em particular, pelos valores que ela encerra em si própria, contra qualquer das evidências filosóficas que se possam apontar, indicando-a como um mal, visto que não está privada de toda a actividade e distingue-se na política, no estudo, na educação e na agricultura; mantém a força física que lhe é inherente; não está privada do prazer, antes pode gozar amplamente das mais nobres alegrias; e, se está mais próxima da morte, isso mesmo quer dizer que mais depressa se libertará da escravidão do corpo, como morada terrena.

Na nossa literatura, também tivemos quem olhasse a velhice de um modo muito especial, como observador atento e arguto de certos tipos e características da sociedade lisboeta. Referimo-nos a Nicolau Tolentino (1740-1811)⁵⁵ e, particularmente, à sua sátira “O Velho”, onde se apresenta um homem de provecta idade que, incomodado e inconformado, vê aproximar-se a velhice com todos os males que ela pode trazer consigo: a tosse, os calos, as muletas, os joanetes e, para cúmulo, a perda de vista que lhe obriga a empoleirar uns óculos sobre o nariz. Todavia, idealiza junto de si uma mulher, uma dedicada enfermeira que o pudesse ajudar a vencer as crises dos seus achaques e lhe proporcionasse um certo conforto nesses momentos sofredores da sua vida.

Cícero e Tolentino, ambos encararam este estádio de vida humana, cada um dentro de perspectivas e intenções particularmente diferentes. Cícero opõe os aspectos positivos da velhice a tudo quanto é considerado negativo e dialoga sobre esses problemas. Nicolau Tolentino regista e parece aceitar todos os achaques da velhice como resultado de uma evolução normal do homem e, na crítica, ainda lhe concede cérebro para pensar e coração para sonhar e desejar alguma coisa a seu contento e para seu regalo.

Nós, apesar de tudo, consideramos que há muito a esperar dos cabelos brancos da velhice e que o seu saber e a sua experiência devem ser aproveitados. Relegar os velhos para um canto à espera da morte é, para além de enorme ingratidão, uma falta de respeito por todos os humanos que nos precederam, nos deram vida e nos ensinaram. Nós não sabemos tudo e, quando eles desaparecerem do nosso convívio, muito do que sabem perecerá com eles.

Atirá-los para asilos de idosos será um mal menor; contudo, privá-los do calor da sua casa e das afeições que lhes são devidas pelos familiares é, para lá da responsabilidade imposta pelos laços de sangue, a maior punição a que os podem condenar.

Actualmente, quer se tenha poucos filhos quer muitos, todos estamos sujeitos a estes padecimentos e a tratos menos correctos. É certo que os mais novos têm os seus trabalhos em que devem aplicar-se, têm que ganhar dinheiro para as despesas da sua vida, não podendo dedicar-se totalmente a quem já precisa deles. Por isso, vamo-nos interrogando sobre o que nos vai acontecer um pouco mais adiante. Onde ficaremos nós, velhos, quando precisarmos e dependermos dos outros? Para que lar de idosos poderemos nós ir, quando tivermos necessidade disso? Qual deles nos dará o que especificamente nós precisamos, além do pão para a boca e da limpeza do nosso corpo?

E, enquanto pensarmos, quais são as ideias e as tarefas de que vamos prescindir?

O homem é um ser extraordinariamente complexo e magnificamente construído. O seu corpo é uma máquina perfeitíssima que é preciso cuidar com todo o respeito; tem a sua vitalidade, exibiu o seu vigor, mas também tem os seus limites.

Enquanto se é jovem e forte e se caminha para a maturação, não há ocasião para se pensar no passado individual que ainda não

está distante; mas, quando se atinge uma certa idade, qualquer passa a viver das suas próprias recordações e vai, muito longe, abarcando os episódios históricos da própria humanidade, apreendidos através das lições da cronologia.

Desarticulado o velho conceito de família com cada um dos membros a lidar para seu lado, a criança já não nasce, já não cresce intimamente ligada pelos vínculos amorosos do contexto familiar como outrora acontecia nos núcleos patriarcais e/ou matriarcais. Vem ao mundo em qualquer instituição de saúde, hospital ou maternidade, onde, em princípio, só tem contacto mais íntimo com a mãe, como não podia deixar de ser como sua progenitora, de cujos cuidados primários tem necessidade imperativa; mas qualquer instituição não mantém o calor humano que reina ou reinava em qualquer núcleo de família; e, a partir daí, o afastamento torna-se cada vez mais intenso no espaço e no tempo. A creche, o jardim de infância, a escola, são outros males menores, mas é neles que a criança se vai desenvolvendo, quase sempre afastada dos pais, dos avós, dos tios, numa atmosfera artificial imposta pelas exigências dos esquemas sociais da vida moderna. É importante este contacto, que permite os primeiros momentos da socialização, mas não se pode nem deve perder o outro.

Os pais quase não têm tempo para estar com os seus filhos, de assistir ao delicadíssimo e primoroso desabrochar dessas mimosas flores de carne que encantam pelo que são e pelo que se revelam nas descobertas que vão fazendo ao seu redor, quando começam a conquistar e a construir o seu mundo.

Entretanto, a juventude perdeu a noção de autoridade e de respeito que podem advir dos mais velhos, nos momentos em que mais precisa dos seus - isto é, daqueles que podem ou poderiam criar situações de respeitabilidade e de orientação para a vida - esses quase nunca estão presentes.

É normal que em fase de evolução e de crescimento, haja um certo desequilíbrio psico-somático e a criança e o jovem se sintam inseguros. E é nesta fase de insegurança psicológica e de transformação radical do corpo com o aparecimento dos caracteres secundários que a pessoa jovem se dá conta de que já não é criança mas que ainda não é adulto. É então que quebra os laços que a ligam aos seus ídolos tradicionais: a mãe, que já não é a melhor do mundo como fora até aí, o pai que fora o grande herói também já deixou de o ser, o professor das primeiras letras, que sabia tudo e que tudo ensinava, deixou de ser pessoa que causava admiração e o pároco, que ensinava coisas tão belas, por vezes de compreensão inatingível, deixou de ser o modelo orientador para superar fraquezas morais, porque, por qualquer motivo meramente humano, se deixou de acreditar nele.

A juventude foi perdendo, assim, os grandes valores universais que se propunham como suporte director na vida que cada vez mais se vai tornando difícil e complexa por, a pouco e pouco, permanecer rotineira. Já não é assim que o jovem quer viver; pensa ter encontrado outros valores que se tornam mais agradáveis e quebram a repetição sistemática da sua existência ainda breve.

Desarticulado psíquica e corporalmente, qualquer jovem encontra com facilidade outros líderes mais consentâneos com a sua idade, se integra em grupos estranhos em busca de algo novo e aí está ele metido na confusão e nos vícios degradantes. Os pais não sabem o que hão-de fazer e, na maior parte dos casos, os jovens já não têm força para saírem do fosso em que se meteram, mergulhando cada vez mais fundo.

Tivemos ocasião de confirmar os factos perante exemplos concretos que nos apaixonaram e muito nos fizeram sofrer. Houve, muitas vezes, vontade de cruzar os braços e de deixar correr, porque não é cada um de nós, sozinho, que vai voltar o mundo do avesso,

transformando-o em alguma coisa de valioso e de prestável, dentro dos nossos conceitos. É que os vícios incutidos, difíceis de correcção pela dependência que provocam, alimentam grandes movimentações económicas de degradação, a que nem as medidas mais drásticas de muitos governos têm podido pôr cobro.

Sentimos, por outro lado, as consequências nefastas desta desagregação da sociedade; e incomodam-nos os resultados desumanos e miseráveis a que chegaram alguns irmãos nossos, quer vivendo em condições humanas deploráveis, quer alcançando a morte em condições a todos os títulos abomináveis.

bibRIA

bibRIA

transversalmente con significativa duración a la postura del paciente. La terapia se apoya en la creación de un ambiente terapéutico que fomente la exploración consciente y la integración de las experiencias corporales y sensoriales. Se trabaja con la percepción corporal y la conciencia de la propia actividad motriz. Los objetivos terapéuticos son la mejora de la coordinación motriz, la reducción de la rigidez y la mejoría de la flexibilidad. Se trabajan tanto las habilidades motoras como las habilidades cognitivas y emocionales. La terapia se adapta a las necesidades individuales de cada paciente.

bibRIA

Regresso ao país das libélulas

bibRIA

bibRIA

Andámos por esse mundo e procurámos, modestamente, dar valor às causas de Portugal e da humanidade em geral. Exercemos as nossas funções com brio profissional, que hoje consideramos exagerado, quisemos ensinar alguma coisa, observámos atentamente a filosofia de vida e o modo de estar no mundo de outros povos, fizemos registos etnográficos e culturais, socorremos os fracos e os oprimidos, demos-lhes o braço do amor fraterno e cristão, sem outra recompensa que não fosse a paz da consciência. Não se trata de uma falsa modéstia mas da simples realidade da vida cheia de exigências.

Escrevemos muito, baseados em observações concretas, palmilhámos a savana, a tundra, as beiras dos lagos e dos rios onde a vida dos animais era mais intensa, embrenhámo-nos em catedrais de florestas, calcámos praias de areia, de calhaus, com arribas formadas por penhascos de constituição coralina, baixas de mangais espessos, onde se abrigavam milhares de aves diversas, espreitando cardumes de pequenos peixes de que se alimentavam.

Conhecemos povoações que, outrora célebres e cheias de vida, onde se realizaram milhentas transacções dos mais variados produtos exóticos, hoje só mostram as velhas paredes das casas em decrepitude constante ou de um ou outro momento que foi mais importante, ora abandonado, mas fazendo parte dos grandes mitos étnicos da nova civilização que foi abrangente durante séculos. Poucas pessoas que

habitavam perto perpassavam entre os escombros como fantasmas moradores de um mundo perdido, o qual, a seu tempo, foi particular lugar de encontro de culturas.

Imagens de certo espaço e ponto do tempo, fixadas na retina dos nossos olhos, que já vão ficando esfumadas, mas vaporosas, por tanto desejarmos e querermos conhecer, misturadas e temperadas pela natural magia negra. Boila⁵⁶ dos nossos encantos, quase perdida no matagal e a lembrar a passagem para o rio Meluli⁵⁷ com os seus peixinhos vermelhos, Sancul⁵⁸ à beira das águas perto do Lumbo⁵⁹, de presença efémera, só com o seu *mibrab* da mesquita enquadrado nas raízes aéreas de um sicomoro... Visitámos ilhas desabitadas mas que chegaram a ser apoios de grandes empórios de transacções de escravos e de outros tipos de comércio, como a Ilha de Mafamede⁶⁰ e a de Quiloa⁶¹ nas costas de Moçambique⁶². Hoje, ecos e imagens de povos destroçados pelas lutas do poder e da economia, recortam-se nas nossas recordações, em Moçambique, em Angola, na Guiné e nesse pedaço de terra martirizado ao brilho do sol nascente, que é Timor.

Um mar de ideias dispersas, agitadas pelas aragens do tempo e ligadas a momentos de vida aprazível que não mais se repetirão. Tudo se ergue no pensamento como um monumento de pedra plurifacetado a enquadrar-se num mundo longínquo que parece feito de utopias, tal qual a cidade de Tadmor ou de Palmira⁶³, que fora governada pela mítica Zenóbia⁶⁴ e que Halifax⁶⁵ e o Conde de Volney⁶⁶ fizeram ressurgir das areias do deserto na Turquia asiática.

Um mundo que se dilui num velho esquema idealista e que uma revolução ajudou a desmoronar-se; era o velho império a derruir através da podridão sociológica e da fragilidade ideológica, a obrigar-nos a regressar aos limitados horizontes natalícios, com todo o peso de uma transformação profunda das coisas e das gentes. Jamais poderíamos encontrar intacta a realidade do ninho amado, nem sequer a dispersão casual dos gravetos que lhe deram forma.

A morte, que é sinal de desaparecimento, é também um sinal de nova vida. E tudo é diferente quando as transformações radicais e obrigatórias destroem os alicerces que foram bases sólidas de outros ideais e já não podem corresponder às ânsias de um passado que se fez desaparecer pela destruição de si próprio.

Viemos ainda com vida, mais velhos, mais doentes, por ventura mais ricos culturalmente. Mas o nosso corpo não se alimenta só de novos conhecimentos e de nova riqueza cultural. Precisa do milho, do trigo, das batatas, dos legumes e de outros produtos materiais que se compram com dinheiro. Quando este falta, quando a saúde claudica, dão-se colapsos inadiáveis e irreversíveis.

Corremos a visitar os recantos eleitos de jogos infantis; percorremos as sendas dos vales e os estreitos caminhos através dos campos. Já não encontramos a magia de outrora, já não rebolámos sobre os tapetes macios de erva verde dos prados; já não tivemos coragem de mergulharmos nas águas frescas, correntes, dos ribeiros e das represas; perdemos essa ligação quase umbilical com a infância e com a juventude porque o mundo era outro e parecia não nos agradar tanto. Mas as mariposas, as libélulas, os saltões, os grilos e os ralos, os zurros e as joaninhas, as cobras e os sardões, as aves, esses ou outros da mesma espécie, por lá continuavam sem ter sentido o hiato do tempo que a tudo modifica e dará cura, de qualquer modo, a toda a doença.

Regressámos dos ares mais quentes a reencontrar o frio das geadas e nas neves que ainda povoavam o nosso imaginário, purificando os terrenos e enrijecendo os corpos humanos que se movimentam como autómatos na luta mais exigente pela vida.

A hora das quimeras tinha-se esgotado. Mas o tempo das utopias continua talvez mais fortalecido. Foi momento de relermos os nossos autores preferidos e de nos voltarmos a deliciar com as suas páginas.

Aquilo que eles disseram e pensaram está lá, concreto, objectivo, não se apaga mais, ainda que muito se tenha especulado e conjecturado com o que eles escreveram, vincando-se, amiúde, asserções que eles nunca fizeram, nem escreveram nem sonharam que pudessem vir a aparecer.

Meu suave Júlio Dinis, meu primoroso Trindade Coelho, meu incisivo Eça, meu filósofo Antero, todos os meus outros tão caros que só escreveram o que quiseram e o que pensaram! Eu vos saúdo pela produção que nos deixaram, tão cheia de lições magistrais de identidade que, sem contestação, não sofrem de dilação nem mesquinhez. Acrescento-lhes Cértima⁶⁷ e Acúrcio⁶⁸ por serem o elo mais significativo e mais próximo do meu país natal.

Neles todos, este país de libélulas está presente e intacto. É certo que eles passaram como o feno dos campos, mas a sua obra aí ficou, viva e compreensível, nobilitada e credível como um monumento que não desaparece nem com o mau nem com o bom tempo.

Chegue-se à Lua, a Marte, a Júpiter, a outros planetas ou a outras galáxias, mas tudo isto foi elaborado a partir da Terra e em função da Terra. A outros pertencem as novas descobertas, a outros pertencem as novas tecnologias, a outros pertence o desenvolvimento das ciências. Mas ciência só o é enquanto, utilizando o seu método próprio, o seu objecto for tido como verdade no domínio ao seu alcance. O que é certo hoje, amanhã pode não sê-lo. É por isso que até a teoria da relatividade do sábio Einstein sempre veio a ser discutida. Mas, enquanto plantarmos couves na terra, lhes dermos humidade e calor, elas continuam a crescer.

A beleza, em geral, também nos interessa. Não somos apreciadores de muitas pinturas actuais, como não nos dizem nada muitas esculturas nem muitos livros escritos nestes tempos mais modernos. Provavelmente, por uma formação dita clássica, por falta

de acompanhamento na evolução destes tipos de cultura a que nunca nos sentimos vinculados, donde poderá ressaltar uma certa ignorância nossa na interpretação, aliada a algum desinteresse.

Mas Catão⁶, que sempre foi hostil à língua e à cultura gregas, aprendeu grego já na sua velhice. Quem sabe o que nos poderá acontecer!

Esse estado crítico em relação aos novos caminhos da cultura está presente nos mais velhos, embora estes sejam vastos repositórios de experiência de muitos saberes. Interessam-lhes muito mais as velhas alegorias de um Licínio Pinto⁷, antigo pintor da célebre Fábrica Aleluia de Aveiro, feita de imagens por vezes esboçadas de um azul celeste e de muita luminosidade espelhada nas águas, com plantas e velhas casas à mistura, onde se abrem ventanas e gelosias de antigas torres engalanadas de flores, do que as modernas pinturas de traços assimétricos separando os volumes das cores que suportam figuras humanas de rostos distorcidos, as quais, segundo informam, fazem transparecer os sentimentos e patenteiam a alma humana.

Não encharcam os ouvidos dos velhos com o abstraccionismo, com o surrealismo, com o esoterismo, nem ofereçam aos seus olhos pinturas cuja compreensão está para além da captação dos seus sentidos e da sua apreensão como realidades imediatas.

Ficamo-nos pela velha alegoria onde impera a luminosidade que faz estremecer as fibras mais íntimas e onde seres minúsculos rastejam e planam sobre a erva dos prados e dos campos em flor.

O homem é muito complicado na apreciação da beleza e o que para um pode ser dotado de grande perfeição e tido como fonte de sensações, para outro pode ser considerado despido de qualquer emoção estética e incapaz de transmitir esse tipo de emoções.

Escrevemos os nossos pensamentos desligados de qualquer tipo de tertúlia onde quase sempre pontificam esquemas ideológicos e

literários, que são sempre motivos de discussão. Não tomamos partido contra ou a favor de Dantas⁷¹ e, apesar das críticas acerbas de Bento Caraça⁷² e de Almada Negreiros⁷³, extasia-nos a leitura da “Ceia dos Cardiais” e de outras belas páginas. Agradam-nos os textos de Torga⁷⁴, de António Gedeão⁷⁵, de António Boto⁷⁶, de Sebastião da Gama⁷⁷ e de tantos outros primorosos escritores portugueses que ajudaram a construir e a fixar o nosso país das libélulas. Sem partidarismos nem recusas violentas, só pelo prazer de ler e descobrir emoções estéticas, que são também um alimento espiritual de grande valia, ainda que não concordemos com tudo. Mantemos, com certo brio intelectual e particular, a nossa vontade e a nossa capacidade de opção, o que quer dizer a nossa própria independência em tudo quanto é possível.

Por isso mesmo e do mesmo modo, percorremos os caminhos da História de Portugal e das respectivas manifestações literárias. Relevamos a capacidade crítica, sempre no sentido positivo, e procuramos manter-nos à margem das grandes discussões, que dão sempre dissensões e estabelecem campos adversos dentro da própria cultura nacional. Cada vez mais, necessitamos de momentos de união, através do diálogo civilizado e não da discussão virulenta que continua a provocar inimizades.

É que nem sempre da discussão nasce a luz. E o nosso País e o nosso Povo e todos nós, precisamos cada vez de mais luz que possa brilhar para todos.

Por enquanto, vamos todos envelhecendo, esperando, cada ano, o brilhante luar de Janeiro e de Agosto e, nas noites calmas de Primavera, até quando Deus quiser, vamos ouvindo as harmoniosas modulações dos rioxinóis, respondendo uns aos outros, cada qual no seu espaço que escolheu para fazer o ninho e criar os filhos.

bibRIA

que se multiplican en el mundo. La otra es la de los libros que se publican en países extranjeros. Un ejemplo de ello es el libro de López Obrador, "Por el bien de todos", que se publicó en Francia por la editorial "Gallimard". Otra es el libro de "Cien años de soledad" de García Márquez que se publicó en Alemania por la editorial "Rowman & Littlefield". Los libros que se publican en el extranjero tienen una mayor difusión, porque las editoriales extranjeras tienen más recursos para promocionarlos y venderlos. Esto es lo que sucede con el libro de López Obrador. Muchas editoriales extranjeras están interesadas en publicar su libro, en particular, en países como Estados Unidos, Inglaterra, Francia y Alemania, que tienen una gran tradición literaria y cultural.

bibRIA

Algunos de los libros más vendidos en el mundo son los que se publican en países extranjeros. Un ejemplo de ello es el libro de "Cien años de soledad" de García Márquez, que se publicó en Francia por la editorial "Gallimard".

Algunos de los libros más vendidos en el mundo son los que se publican en países extranjeros. Un ejemplo de ello es el libro de "Cien años de soledad" de García Márquez, que se publicó en Francia por la editorial "Gallimard".

Algunos de los libros más vendidos en el mundo son los que se publican en países extranjeros. Un ejemplo de ello es el libro de "Cien años de soledad" de García Márquez, que se publicó en Francia por la editorial "Gallimard".

Algunos de los libros más vendidos en el mundo son los que se publican en países extranjeros. Un ejemplo de ello es el libro de "Cien años de soledad" de García Márquez, que se publicó en Francia por la editorial "Gallimard".

Epílogo

bibRIA

A nova coleção bibliográfica da Universidade de São Paulo, que reúne os principais títulos de referência da ciência social e humanas, é resultado da intensa e constante pesquisa realizada no campo das ciências sociais e humanas e suas perspectivas.

O projeto, que nasceu, como segue, em 1999, no Departamento de Ciências Sociais da USP, é resultado de um trabalho de muitos anos, com o objetivo de reunir os principais títulos de referência da ciência social e humanas.

Este projeto, que nasceu, como segue, em 1999, no Departamento de Ciências Sociais da USP, é resultado de um trabalho de muitos anos, com o objetivo de reunir os principais títulos de referência da ciência social e humanas.

bibRIA

Procuramos reter as memórias dos momentos que nos foram gratos. Aquelas memórias do que nos foi menos agradável e até incomodativo, essas deixamo-las mergulhar no subconsciente, ainda que, num momento ou outro, possam aflorar para nos trazerem alguma amargura de boca.

É por isso que queremos relembrar muita coisa e esquecer muita outra. Logo, é-nos gratificante imaginarmos a paz dos campos de outrora, em que se integravam as tarefas diárias dos agricultores que se tornavam periódicas com o germinar e o crescer das plantas cultivadas. A rega tornou-se um trabalho rural encantador para a criançada que era incumbida de tocar o gado à volta da nora e sentia uma atracção especial pela água que corria nas regadeiras, brincando com ela e recriando outros aspectos da vida humana não menos atractivos.

O som plangente das noras, com a água sempre em movimento, também feriu a sensibilidade de alguns escritores como Cesário Verde⁷⁸ que, pela negativa, em tempo frio, observa:

“Não se ouvem as aves; nem o choro de uma nora.”

E sobre essa água toda, dos regatos, dos charcos, das represas, dos poços, dos tanques, agitavam-se mil insectos ininterruptamente, como os alfaiates, os mosquitos, as libélulas, etc. E as rãs, no seu ambiente favorito, coaxavam repetidamente com o papo cheio de ar... Nos canaviais, a rela, que é uma pequena rã verde tida como venenosa,

lançava o seu canto especial de cega-rega, anunciando tempo húmido, denunciador de chuva.

Sobre as ervas dos vales, uma multidão enorme de outros insectos – os gafanhotos, os escaravelhos, os luzecús, as abelhas, as vespas, os besouros, todos em danças frenéticas procuravam alimentar-se e completar o seu ciclo de vida.

Se alguns se satisfaziam com o pólen e o néctar das flores, com folhas verdes e tenrinhas de plantas, outros serviam de alimento a uma grande parte, devorando-se quase mutuamente. Nas pontas superiores dos caules, o louva-a-Deus (*Mantis religiosa*) que, unindo as suas patas dianteiras, em atitude piedosa de quem reza, é um terrível predador de outros insectos e a fêmea, como canibal, chega a devorar o próprio macho no momento da fecundação. Um acto de amor completo, quando a fêmea come o macho na altura do acasalamento!

Logo que o sol aquece os pastos e os bovinos se alimentam pacificamente, as fêmeas dos tábanos (tavões ou moscardos), de olhos verdes belíssimos, chegam de ferrão em riste, com a sua sede de sangue, põem os grandes animais em desespero quando ouvem o seu zumbido.

Se nós admiramos estas belezas naturais, todos estes milhares de insectos de cores bizarras, de hélitros brilhantes, de asas transparentes com nervuras recticuladas e algumas com escamas, certo é que a maior parte destes pequenos animais se alimenta de outros animais; e toda a beleza das libélulas não chega para apagar a triste necessidade de também se alimentar de outros seres. As crianças e as pessoas do povo chamam-lhes *aviões* pela sua configuração e pelos seus movimentos; designam-nas também por *tira-olhos* e *arranca-narizes* pelo sussurrar áspero das suas asas em movimento e pelo seu ataque instintivo a outros insectos, sempre muito agressivo.

As cadeias alimentares estão estabelecidas, todos os seres completam assim os seus ciclos de vida comendo-se uns aos outros e

o próprio homem não é alheio a esta condição. A beleza da ave de rapina, a beleza e a elegância de qualquer felino, estão sempre para aquém da sua própria voracidade e da necessidade de matar para continuarem a viver.

É por tudo isso que o meu país é um país de quimeras, onde o mais forte impera, dominando o mais fraco e impondo-lhe as regras. A beleza assim considerada dilui-se na abstracção e na percepção do conjunto.

Vamos continuando a existir ao sabor dos ideais. A beleza percepcionada engana os nossos sentidos e o homem tem que sublimar todas as agressividades, tem que saber perdoar e desculpar os enganos que, diariamente, lhe são propostos. Amargurar-se e deixar-se abater não corresponde a vencer ou a querer evitar, estilhaçando os elos da cadeia a que se sente preso.

Padre António Vieira, no seu *Sermão aos peixes*, comparando estes com os homens para os condenar, afirma, com notável clarividência, que os peixes se comem uns aos outros, mas o pior é que são os grandes que comem os pequenos; por isso, são necessários muitos pequenos para satisfazer um grande; se fosse o contrário, um só grande seria bastante para muitos pequenos.

O tema de Vieira, que ele foi buscar aos relatos da Ordem dos Frades Menores, vem na sequência da pregação de Santo António⁷, em Pádua. Será que Santo António tinha razão ao olhar assim os homens do seu tempo? Será que Vieira, alguns séculos passados, ajustando a filosofia dos poderosos ao seu tempo, continuava a ter razão? Será que hoje o mesmo problema prevalece? Ao olharmos o mundo com todas as características actuais, parece-nos bem que sim.

Mas as belezas de tudo quanto se pode observar sobre a terra compartilham de muitos outros pequenos mundos naturais que só a moderna tecnologia pode descobrir. Nós enquadramo-nos no mundo das realidades, ainda que aparentes e enganadoras dos nossos sentidos.

A seu tempo, impressionou-nos a imensa actividade de Jacques Cousteau⁸⁰, grande oceanógrafo, e as suas descidas à profundidade das águas, o que revela, de modo cativante, na sua obra “O Mundo do Silêncio”, em parceria com Frédéric Dumas⁸¹. De outra parte, os seus consecutivos trabalhos, resultantes das pesquisas e das aventuras do “Calypso”⁸², constituíram um amontoado de conhecimentos que causaram a admiração de muitos por este notável estudioso, marinheiro e mergulhador.

Nem todos podem experimentar a existência do mesmo modo; mas muitos desejariam, pela atracção que a vida marítima exerce, ter sido companheiros nesses trabalhos oceânicos, que foram previamente estudados, projectados e organizados para que os frutos fossem abundantes e nada se perdesse das notáveis conclusões que Cousteau e a sua equipa quiseram atingir.

Também nós assim pensamos. Adoramos o mar e tudo quanto se relaciona com ele. Consideramo-lo, porém, um abrangente e poderoso mistério que, exactamente, nos atrai por ser tão misterioso. As profundidades oceânicas e os prováveis silêncios e quietude impressionam só em imaginar-se, mesmo sem se lá ter chegado nem se ter podido lá ir. E tirar da profundidade do mar qualquer ensinamento e qualquer presa implica suportar muitas dificuldades, como assevera Cousteau.

Apesar de tudo, e porque não temos outras condições nem tivemos meios de consolidar os velhos sonhos da juventude, amamos a terra e tudo quanto fervilha sobre ela.

Os poderosos passaram a controlar todos os continentes e os países ricos e pobres têm imposto as suas leis a todo o mundo terráqueo.

Nós não acreditamos quando nos falam de paz e nos afirmam que, para a alcançar, têm de promover a guerra. A paz é possível

somente quando todos os homens poderosos pensarem em uníssono. A guerra gera a guerra e traz consigo, inevitavelmente, a injustiça, a fome, a dor, a peste e a morte. Sempre assim tem sido e continuará a ser. Há muitos meios sofisticados de fazer eclodir as guerras, muito antes da utilização dos meios concretos e materiais que levam à destruição das pessoas e dos seus bens. Já Vieira considerava a guerra um verdadeiro monstro que de tudo se alimentava e tudo levava após si. Hoje, mais do que nunca, a destruição é evidente e o sofrimento humano daí resultante parece não ter solução. O homem não pode ser mentiroso nem hipócrita; a paz tem de nascer em cada coração, individualmente.

Há referências, nas aldeias do nosso país, que duram uma eternidade. Se escaparam aos horrores de certas guerras e não escaparam às máquinas do progresso, ficaram registadas na nossa memória e, perante situações concretas, afloram conscientemente para se poder usufruir de certos momentos de felicidade ou de infelicidade que ajudam a formar o todo da nossa existência.

Fernando Pessoa afirma, poeticamente, que o *nossa pensamento dito* deixa de ser pensamento nosso; o mesmo se for escrito. E o sino da nossa terra natal pode ser, e é, um dos grandes motivos que dá asas aos nossos pensamentos e tornou-se uma clara referência:

“Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.”

Efectivamente, os variados toques do sino da nossa aldeia, que sempre mantiveram uma sonoridade especial, dão a compreender aos

habitantes que há alturas de louvor a Deus, que há momentos de alegria de um baptizado, de um casamento, de outros momentos de festa; também alturas de sofrimento e de dor partilhadas pela comunidade com a morte de alguns dos seus irmãos. Estes últimos toques, que são específicos, são vulgarmente designados por *sinais* que levam a notícia a todos os lugares da freguesia: *Tocaram sinais, sabes quem morreu?*

Estes sons que se tornaram familiares, repercutem-se não só através dos ares de toda a povoação como na memória das pessoas, através dos tempos. Cada sino tem o seu som peculiar que fica intimamente ligado a todas as pessoas da respectiva aldeia. O som do sino da nossa terra não é igual ao dos sinos das outras povoações. É por isso que é sempre muito nosso e, depois de ausências mais ou menos prolongadas, no regresso, ao ouvi-lo, há sempre a concorrência de muitas lembranças do passado que não deixam de evocar a saudade.

Daqui partimos, aqui voltámos, fundando a capital do nosso país das libélulas. As quimeras já se foram, restaram os caminhos das utopias. Como outrora, a liberdade continua a ser condicionada. Há pessoas que mandam e outras que só sabem ser mandadas. Nós não mandamos em nada nem queremos que os outros sejam mandados. Queremos que todos sirvam de boa mente e de coração limpo. O nosso pessimismo resulta da falta de aceitação e da fatalidade para a qual caminhamos; só, de vez em quando, manifesta laivos de alegria e momentos efémeros de felicidade.

A terra do cemitério espera por nós; por enquanto, sobre ela, vegetam a luzerna, o trevo bravo e as papoilas.

bibRIA

que o Brasil é um dos países que mais investe em tecnologia e que os resultados obtidos são sempre muito bons, mas que ainda há espaço para melhorias.

Na área de tecnologia, o Brasil é um dos países que mais investe em pesquisas e desenvolvimento de tecnologia. No entanto, é preciso investir mais em pesquisas de base, investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis. É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis. É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis.

É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis. É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis.

bibRIA

Depois de muitos anos de trabalho, o projeto bibRIA está finalizado. O projeto foi criado para facilitar a busca por informações relevantes e úteis, fornecendo os resultados da pesquisa. Com o projeto, a busca pode ser realizada com maior facilidade, já que o resultado é imediatamente disponibilizado. Além disso, o projeto também oferece uma interface amigável, facilitando a navegação entre os resultados. O projeto também oferece uma interface amigável, facilitando a navegação entre os resultados. O projeto também oferece uma interface amigável, facilitando a navegação entre os resultados.

A falta de tecnologia é uma das maiores desvantagens do Brasil, que precisa investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis.

É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis.

É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis.

É preciso investir mais tempo na pesquisa e na difusão das tecnologias para que elas sejam mais eficientes e mais duráveis.

Samuel ou a fatalidade

bibRIA

Este é o nome de um projeto que nasceu da vontade de trazer para o Brasil o que há de mais novo e relevante em literatura, cultura e pensamento. Inicialmente voltado para os leitores mais avançados, apesar das suas origens universitárias, o projeto tem se expandido para atender a todos os interessados.

Em sua estrutura organizacional, o projeto é dividido em três grandes departamentos: editorial, distribuição e marketing. O departamento editorial é responsável por selecionar os livros e revistas que serão publicados, enquanto o departamento de distribuição cuida da logística e do envio dos materiais para os pontos de venda. O departamento de marketing é responsável por promover as atividades do projeto, através de campanhas publicitárias e eventos.

O projeto bibRIA tem como objetivo principal fornecer uma alternativa à literatura tradicional, oferecendo uma visão mais ampla e diversificada dos temas abordados. Além disso, o projeto busca promover a discussão e o debate sobre os temas abordados, através de debates, palestras e outras atividades culturais. O projeto também oferece serviços de consultoria e assessoria, tanto para autores quanto para editoras e outros profissionais da área.

bibRIA

Viam-se passar da parte da manhã, rua abaixo, rua acima conversando, gesticulando, observando as montras. Eram três e constituíam um grupo de aposentados do serviço público que procuravam passar o tempo.

Um tinha sido funcionário da Fazenda Pública; outro professor e outro ainda funcionário da Justiça. Apesar das suas diferentes ocupações, foram do mesmo tempo de estudo, sendo velhos conhecidos. Estavam unidos pela mesma fatalidade dos anos de trabalho e por muitas vivências comuns.

Quando as manhãs eram radiosas e serenas ou as tardes pouco ventosas e alegres, iam até ao jardim sentar-se nos bancos junto aos caramanchões de verdura e tagarelavam sem fim sobre qualquer tema, às vezes com pouca segurança mas com muito entusiasmo.

Em casa, as mulheres respectivas não os podiam aturar; tornavam-se mesquinhos, impositivos, pouco simpáticos. Nos seus lares não chegaram a compreender o dom da partilha na resolução dos problemas caseiros.

Estes velhos apoiavam-se uns nos outros como se fossem amigos verdadeiros, mas o decurso da vida ensinou-lhes que a autêntica amizade raramente existe. Cada um, em momentos especiais, descobre as agulhas do seu próprio egoísmo como unhas retrácteis, nem sempre descobertas, mas sempre prontas a sair da sua camuflagem.

Mas, quando não é assim, os filhos atiram-nos para os Centros de Idosos, onde ficam abandonados dos carinhos e dos contactos com a família. É um outro processo de discriminação talvez mais atraente do que o velho processo integrado na família de fazer viver os velhos separados na sua própria casa numa falta de higiene e em condições humanas indescritíveis, porque são fonte de canseiras para os mais novos.

Grande parte dos reformados que durante uma vida inteira estiveram condicionados por horários que os ocupavam muitas horas seguidas e por leis que os forçavam a trabalhos que pareciam não ter fim, viram-se atirados para o lado, às vezes para outros serviços a que a evolução tecnológica os obrigou e onde nunca mais se sentiram satisfeitos.

Entre as novas situações criadas e a promessa de uma reforma aparentemente compensadora, sonharam com os prazeres de um fim de vida quase inactivo, sem vínculos poderosos a qualquer tipo de trabalho.

O Estado ofereceu-lhes a côdea do sustento e mandou-os descansar, sem se importar com os seus sofrimentos psicológicos, com a amargura dos dias inactivos; os companheiros de trabalho foram-se a pouco e pouco libertando da sua presença e dos seus préstimos, ajudando-os a cair também numa espécie de discriminação, de solidão e de abandono, não sendo sensíveis às suas capacidades ainda activas, que poderiam ser orientadas para outros serviços mais condizentes com as novas situações.

Abandonados em casa, com difícil adaptação permanente às imposições familiares, viram-se muitas vezes prisioneiros na sua própria casa e da sua própria família. E uma solidão avassaladora passa a envolvê-los, a corroer o seu próprio ser numa lentidão de pensamentos que as suas cabeças branqueadas pelo tempo e pelas dificuldades profissionais jamais puderam pôr em prática.

Os cabeças de prata da nossa sociedade tornam-se, assim, elementos humanos em constante deterioração, diluindo o passado em raciocínios

efervescentes, acompanhando o declinar dos corpos abandonados à impotência de todos os géneros. Classe em mumificação constante, vão-se tornando os dinossauros mais próximos de uma sociedade de consumo em decadência também, porque só procura a satisfação das necessidades e dos prazeres imediatos.

Eu sou Samuel. Funcionário público, sou dos poucos que ainda cultivam o brio profissional sem pensar nas recompensas que, por lei, me são devidas. Sinto-me com força e com saúde para executar com eficácia os meus deveres de cidadão trabalhador. Corro todos os dias para o meu trabalho com as alegrias escondidas da realização dos meus próprios projectos ou das tarefas que me são confiadas. Duvido da honestidade de quase todos, porque neles descubro a ânsia de subir, de atingir poder em postos mais elevados, sem se importarem de deixar pelo caminho, como degraus, outros que a humildade e a modéstia não deixaram brilhar, incomodando-se sempre.

Chamo-me Samuel. Ao passar para o trabalho, vejo-os a passear o seu tempo inútil pelas ruas e avenidas, ou sentados a travar discussões estéreis nos bancos dos jardins. Não fazem nada e as suas palavras já não têm eco. Animam-se quando passo, lançam no ar perguntas desdenhosas:

-Vais trabalhar, Samuel? Para quantos trabalhas tu? Até quando, ó Samuel?

Eu respondo, ainda seguro na serenidade dos meus preconceitos e na utilidade do meu trabalho:

-Cá vou para o serviço. Tenho muito que fazer e não deixo de levar ocupações para casa que ninguém me paga nem agradece...

Eles lançaram no ar uma resposta de algum modo incomodativa:

-Olha que as ocupações do trabalho são um modo de vida e não um modo de morte... - E ficaram a rir-se com as minhas pressas.

Deram-me o nome de Samuel. Nunca cheguei atrasado ao meu serviço, nunca dei uma falta por me apetecer faltar. As minhas ausências foram sempre justificadas por doença ou por serviços inerentes.

Eu ia pensando como seria a minha vida depois de reformado. Que trabalhos seria eu capaz de executar que viessem a ocupar-me todos os tempos livres. Foi uma angústia constante pensar nisso, quer quisesse ou não. Os meus selos, as minhas moedas, os meus postais, as minhas conchas, as minhas investigações literárias e etnográficas seriam suficientes para ocupar todo o meu tempo vazio? Ou mergulharia no tédio, agarrado ao sofá, depois de perder os vícios da caça e da pesca, sem ânimo para trabalhar e me ocupar com as pequenas coisas que sempre me deram prazer? Com estes pensamentos, esperava ter nos meus *hobbies* tudo quanto era necessário para usufruir de uma velhice feliz junto da minha mulher que foi uma companheira de valor incomensurável com a sua presença incansável nos cuidados da casa e na preparação e educação dos filhos que foram aparecendo.

Fui toda a vida um sonhador. Se pensava em executar o melhor que sabia os meus deveres, para os quais me preparava conscientemente e com todo o rigor possível, eu era um medroso, em nada queria falhar para que não caíssem sobre mim as medidas negativas e restritivas das inspecções. Escrevia muito, fazia investigações a meu gosto que publicava em jornais, mas que não convenciam ninguém para serem publicadas em livro. Nunca arrisquei uma publicação, com medo de que não fosse lida e não aproveitasse a ninguém.

Refugiava-me em versos que eu compunha como se fossem produto do meu labor mental para me agradar a mim próprio. Eu, Samuel, fui um inadaptado.

Chamo-me Samuel. Nunca gostei do meu nome e também não sei explicar por quê. Não sou filho de Ana nem de Elcana⁸³, mas de Maria e de José. Sou casado com a São, que amo com toda a minha alma; tive que passar muitos sacrifícios para poder casar com ela; entre

muitas outras coisas, o de ter de optar entre laços da família ou o de casar com ela. Temos muitos filhos, que são todo o nosso enlevo, e neles revemos todas as nossas ânsias e depomos todas as nossas esperanças. Como eu, não pediram para nascer nem para terem os nomes que lhes demos. Mas foram concebidos com muito amor e, enquanto pequeninos, foram uma bênção de Deus na nossa casa.

Como a nossa formação era cristã, foi dentro destes princípios que procurámos educá-los e fazê-los crescer inseridos na sociedade em que deveriam vir a ser úteis. O pão, o vestido e a sua formação foram as nossas grandes preocupações. É certo que, nos momentos críticos da sua evolução psico-somática, houve desarticulações de conduta, recusa de certos valores de autoridade, negações de princípios, opções individuais que mais não eram que o amadurecimento e a estabilização da personalidade de cada um.

Procurámos sempre, em família, harmonizar as divergências provocadas pelos imperativos profissionais e os deveres inerentes, relativos à própria conduta do casal. Sofríamos com as ausências e saboreávamos deliciosamente os júbilos de todos os reencontros. Além disso, procurávamos estender a nossos vizinhos e amigos o nosso testemunho de vida cristã em conjunto, manifestando a nossa modéstia, alegria e bom senso.

Para pagar o curso, que fiz à minha custa depois de casado, tive que ir para África e fiz-me acompanhar da mulher e dos filhos, de quem não podia viver separado. Apesar dos sacrifícios e de uma hostil recepção política, os anos áí passados foram talvez dos mais felizes da nossa família. Procurámos estabelecer novas relações, assentámos a nossa vida nos princípios e valores que sempre mantivemos, vivemos na modéstia que os nossos recursos permitiam e sofremos em conjunto as angústias de um povo sacrificado, cujas ânsias de liberdade nem sempre eram compreendidas nem respeitadas.

A nossa casa foi uma espécie de pronto-socorro de muitos africanos e por lá passaram muitos outros que, cumprindo os seus deveres, caíam em ambientes completamente diferentes daqueles onde tinham nascido e onde tinham sido criados.

As riquezas que recebemos com a nossa estadia nos trópicos não podem ser descritas. Economicamente, fomos sempre deficientes. Mas os conhecimentos que nos advieram dos contactos com outros seres humanos possuidores de outras culturas, de outras línguas, de outros modos de estar na vida, constituíram um tesouro relevante em que se aquilatou o metal precioso de encarar o mundo envolvente por ângulos muito diversos e fez de nós outras pessoas de horizontes mais largos, onde não podia caber a estreiteza das nossas relações sociais tão egoístas do dia a dia das ruelas quase fechadas das nossas cidades e aldeias.

Os filhos cresceram habituados às grandes amplitudes térmicas e às grandes aberturas sociais, ainda que os antigos instalados formassem células quase fechadas, onde não deixavam entrar outros chegados de há pouco, como defesa inalterável dos seus interesses, como se fôssemos portadores de qualquer doença contagiosa.

Sempre empenhado nos problemas da vida, quase nem dei conta que os filhos cresceram e trouxeram consigo os mais diversos problemas. África foi durante algum tempo, uma luz forte que se acendeu na amplidão da minha existência. Ainda hoje recordo as caminhadas de prazer, as observações oportunas em planos sucessivos, um mar diferente que sempre foi um reflexo de liberdade e uma grande estrada de união entre todos os povos da terra. Não é em qualquer parte que se percorrem quinhentos quilómetros só para tomar um banho de água salgada em fim de semana, encontrar uma bela concha matizada pelo calor tropical, com mil ocorrências inerentes que põem o coração em sobressalto, como quando se encontra um bicho do mato. Naquela altura, eu era

muito mais do que o Samuel nascido numa quase perdida aldeia beirã, a dois passos do oceano que, mesmo assim, muitos morriam sem ver...

Eu, Samuel, era importante demais para morrer incógnito, sem percorrer outras estradas do mundo. Eu estava ali, era quase um rei no meio de uma natureza pujante de viço, sob o sol dos trópicos, à procura de quase nada. Os meus olhos arregalavam-se perante um mundo novo que me oferecia novidades sem conta. Parece que seres mágicos, escondidos por toda a parte, me chamavam em surdina "Samuel! Samuel! Olha para aqui! Admira estas belezas que não mais verás na tua vida!" De facto, eu não mais passaria pelos mesmos lugares, onde as forças telúricas voltariam a chamar outros que não eu.

Eram grandes momentos de meditação sobre o mundo perene, que se renova ciclicamente e a vida, que é efémera, se repercute em quadros sucessivos, mas nunca mais torna a ser igual. E esses momentos, que eu não passava junto da mulher e dos filhos, eram momentos que perdia de uma companhia única, embora outros vincassem profundamente a minha alma.

Penso que ser Samuel é trazer consigo a fatalidade de avançar no tempo sem alcançar riqueza, sem nada sequer auferir a eficácia de realizar alguns ideais ou de atingir a felicidade de conseguir a realização de alguns sonhos. É somente ter a capacidade de continuar uma vida rotineira, cheia de percalços e angústias, de algumas alegrias e de muitas tristezas. Ser Samuel é carregar em si com a pobreza e as fraquezas de uma família apática, quase a descambiar para as misérias do bíblico Job. Ser Samuel é receber uns bens que se dizem ricos, cuja abundância se diz também que não chegará a terceiros. É carrear com os pesos inúteis de uma família ancestral que, por ter sido sempre honesta e comedida, nunca deixou abrir espaços a heróis, fossem eles dos mais variados tipos. Ser Samuel é ter a possibilidade de vislumbrar, retrospectivamente, o gráfico estatístico de uma falsa opulência, de

bibRIA

acalentar a estabilidade de uma existência presente vivida de forma comezinha, sem altos e baixos, de rir com os que se alegram, de chorar com os que sofrem, de passar os dias com o sol e a chuva que Deus nos manda, mas que nunca sentiu os desejos, nem tão pouco sonhou em ir à lua num foguetão ou de passear nos espaços intersiderais.

Quem sou eu, Samuel? Um fraco entre muitos fracos, um desadaptado entre muitos outros, um sonhador de pequenas coisas entre muitos sonhadores de bagatelas. Um homem que veio do pó da terra através dos genes procriadores do pai e da mãe e que, como eles, ao pó há-de tornar, deixando o corpo a desfazer-se na tumba pacífica situada entre tantas outras. Eu, Samuel, que perdi as forças para trabalhar, que perdi a alegria de viver, que deixei de ser útil ao país e aos irmãos, sou pó aglutinado a desfazer-se pouco a pouco, de momento a momento.

Algumas vezes perdi o equilíbrio. Tive que ser operado, trabalhei mais algum tempo e dei comigo a correr para o hospital, logo de manhã cedo, para consultas mais ou menos rotineiras. Achei o hospital desumanizado, onde quase todos os doentes se queixam. Ora, ou são os doentes que são lamechas e exigentes ou são os serviços hospitalares que têm a culpa.

Cheguei a escrever uma peça de teatro, de sentido crítico, tocando as incompreensões por que passei, rindo-me das situações caricatas em que cheguei a encontrar-me. Dei-lhe o título "O meu Id" para mostrar que, eu, como todos os doentes, somos pessoas com características psicológicas próprias e merecemos algumas atenções para além do tratamento meramente físico. É claro que a inútil peçazinha nunca foi publicada, ficou para minha satisfação pessoal, na qual me revejo lamentavelmente.

Alquebrado, nunca mais fui o que tinha sido até então. O estado entendeu que eu era disponível, não estava a par das novas tecnologias

e que os meus saberes eram dispensáveis. Ofereceu-me a reforma quase de mão beijada e mandou-me para casa, para descansar dos meus trinta e sete anos de serviço, de labor intenso, a que falhei só por doença ou por deslocações e estadias impostas pelos próprios serviços.

Em casa, olhei para mim, não me reconheci. Senti-me medalhado, com símbolos no peito, feitos de nada. Chegaram a dar-me o título pomposo de "professor insigne", mas eu só descobria a consciência tranquila do dever cumprido, penso que ajudando milhares de jovens a serem homens.

De resto, olhava para o meu passado como que a dormitar e revia-me com algum prazer nas minhas andanças e canseiras por este Portugal fora, mais longe ou mais perto do ninho paterno.

Em algumas noites de Verão, o ar que respirávamos e nos envolvia, sem qualquer brisa, vinha carregado de calor viscoso, e não podíamos conciliar o sono. Seria semelhante a tantas noites que passámos em África – na época quente, procurando a frescura, sentados na varanda da velha casa colonial, protegidos pela vicejante buganvília, cujas flores, algumas vezes, adornaram, porque não tínhamos outras, os féretros de alguns dos nossos soldados que tombaram nas encruzilhadas de morte.

É um sonho longínquo tudo isso. Recordo com muita saudade – porque será que, hoje, os portugueses sentem vergonha deste sentimento tão nosso? – os momentos de vida intensa, em que sempre procurámos derramar prodigamente o amor por tantas almas, impor um sentido de justiça e de verdade aos nossos actos do dia a dia, nas relações com outros nossos irmãos, independentemente de raça, cor, política e religião.

Que a nossa adaptação não foi fácil! Chegados sem vintém, se é que mil escudos poderiam resolver qualquer problema ao pormos

o pé em terra, por trapaças e enganos de colocação, vimo-nos atirados para longe, dois adultos e nove crianças, com a mesma facilidade com que se dá uma tacada em bola de bilhar, sem se saber jogar ou sem intenção de ganhar o jogo! Com dez contos de reis, emprestados à última hora por um amigo, lá continuámos a viagem em busca do norte, não sem a amargura do pelintra que se sente estrangeiro na sua própria terra e onde até os cães parecem fugir dele porque descobrem que nada tem que lhes dar...

Velha terra de feitiço, hoje tão afastada no espaço e no tempo, terra de muitas angústias e de muitas alegrias, eu te saúdo na pureza virginal de tudo quanto conheci: no medo das cobras e lagartos, dos leopardos e dos leões, na pobreza e no mistério das gentes de cor, na fascinação dos ritos e dos silêncios das etnias, por vezes tão intimamente ligadas ao fanatismo do Islão e à ancestralidade que nunca perderam, aos direitos matriarcais, à apetência de frutos desconhecidos como a manga, o cajú, o liche, a jaca, importados de outros continentes, aos mistérios da noite na floresta virgem ou quase e ao despontar do dia com mil ruídos desconhecidos de todo o tipo de animais, à lei da selva onde o menos forte tenta, a todo o transe, escapar às garras e às fauces do mais poderoso e onde o homem se instalou, como rei da criação, observando, colhendo imagens e sons, dominando a natureza pela sua inteligência.

Por lá andei, vi, descobri, registei, suportei a algidez das noites em terras áridas, senti os ataques nocturnos de milhões de mosquitos que não permitem repouso, banhei-me nas águas verdes, azuladas e cerúleas, aquecidas ao sol dos trópicos, passei perigos na terra e no mar, calcorreei litorais arentos, outros coralinos, cruzei os ares, em busca do incógnito, só para viver uma vida nova e diferente.

Penso que, do sangue aventureiro de outrora muitas virtualidades se perderam. Vi e senti desmoronar-se o império que só vivia dos ares mas que tinha os alicerces podres. Não vi criar-se outro, nem outros países mais justos. Foram as convulsões da orgia que o deixaram corromper. Queria e gostaria de ver outra coisa mais justa, mais pacífica, em que a dignidade humana não fosse enxovalhada, denegrida, emporcalhada, destruída; queria ver homens livres e facto e de direito, longe de novas escravaturas materialistas, prepotentes, dominadoras.

Assisti ao desmoronar do império português. Voltou-se uma página bastante larga da História de Portugal, tendo este grande país de outrora que se reduzir à sua pequenez ibérica da Europa Ocidental.

Assim estou, assim vivo; mas a história de uma certa traição aos nossos valores, aos nossos entusiasmos, aos nossos atrevimentos, há-de fazer-se um dia. Assim o creio. Porque se deixaram violar mulheres, nossas irmãs negras e brancas? Porque se deixaram conspurcar e retalhar, em frente dos maridos, condenados também ao estupro e à crueldade da catana? Porque se deixaram violar e chacinar crianças? Em nome de quem e de quê? Quem foram os responsáveis? Quando hão-de ser julgados? Sê-lo-ão alguma vez?

A minha visão perdeu-se no tempo. Eu estava ali, como que salvo da grande agitação com todos os que me são dilectos. Conseguí salvar-me no meio de um naufrágio social e político, cheio de convulsões, de sangue e de misérias. Creio que todos os portugueses sofreram de algum modo as incertezas de um mundo novo que estava a chegar, trazendo consigo uma nova idade a que não estávamos habituados e saboreando os primeiros passos de uma democracia acabada de nascer para bem de todos nós. Perdemos talvez muitas coisas do passado, mas ganhámos a estabilidade do presente na mira de futuros ideais.

Ali nasci numa freguesia situada a noroeste da região, a tocar outros concelhos que não o dela. Terra também de barro e de aluvião,

a aldeia situa-se num planalto de pequena altitude e espraia a sua agricultura de milhos e vinhedos em toda à sua volta, por terrenos planos ou ondulantes, quando não por encostas soalheiras, que parece que as águas agitadas do mar, em antiquíssimas convulsões de fluxo e de refluxo, deixaram no solo os vestígios de um leito descoberto, cortado aqui e além por viçosas valas onde correm arroios de reduzidas dimensões.

Sem contrafortes naturais, batida pelos ventos e chuvas de todos os quadrantes, mas em que predomina a nortada, a povoação arrecadou nos seus tugúrios a palha dos cereais dos seus vastos campos de lavoura e o sumo das suas videiras arrancado às gretas do solo e guardado nos tonéis das suas adegas. Por esta e pelas terras circunvizinhas criei longas e vivificantes raízes mergulhadas por entre as rachas de argila seca em dias estivais ou através do húmus fecundante e poeirento das terras milhanzeiras! Por aí me criei e deixei crescer em liberdade o amor ao torrão natal, envolto em tantas carências, dores e sacrifícios que o tornaram profundamente sólido para uma vida inteira.

Habituado aos largos horizontes sempre abertos para o mar e aos ares lavados desta porção do território que eu percorria a pé de pombo, de calções sujos e puídos seguros no ombro por uma alça única, o meu espírito e o meu pensamento deixaram crescer asas que, apesar de tudo, não se puderam conter em tão limitada estreiteza. E não foram outras nações que me atraíram; não foi o vil metal que me chamou; foram os velhos rumos de seculares portugueses, embalados nas doces melopeias de antigos sulcos do mar que me ditaram e apontaram a direcção do continente africano, tão rico em mistérios e em surpresas inacreditáveis!

Mas o meu mundo era cá. Aqui mergulhavam as minhas raízes na profundidate das gerações levadas pelos tempos, de que floriam vidas a continuar o seu ciclo mais ou menos prolongado. Percorri os espaços da velha casa, todos os cantos a que eu estava ligado por uma

energia imanente que se ia perdendo com a falta de vontade para continuar a lutar em busca de um bem perdido que eu julgava escondido e que fora ideal a atingir nos primeiros anos de existência.

O sol já não brilhava como outrora. Estava convencido da inutilidade do meu afã e caía num isolamento que eu próprio construía, na mesma solidão que não podia alimentar o sabor de quaisquer vitórias que nunca cheghei a encontrar, como se fora um Orfeu⁸⁴ em busca da amada Eurídice⁸⁵ que acabara de perder para sempre. Vida que, afinal, fora um mito e que assentara na força do meu querer que parecia nunca fracassar sem sequer diminuir.

Cheguei ao estado lastimável de estar acompanhado mas só, no meio dos que me amavam, inquieto e irritável por saber que existia quem me quisesse mal e nunca tivesse compreendido a energia da alma que punha em todas as acções que eu afirmava serem para bem de todos. A incompreensão e a ingratidão são para mim os piores dos males humanos porque destroem a pouco e pouco as alegrias de viver e os momentos de paz de que o homem precisa para a sua reconciliação universal.

Numa noite de Primavera, em que se ouviam os cantos ininterruptos dos rouxinós, a Mãe morreu em grande sofrimento. Após o seu passamento, fiquei na lareira junto a dois cavacos mal acesos, onde passei a noite a chamar por ela, cujo corpo permaneceu no seu leito de morte: "Maria!" Não mais me falou porque nem sequer me ouvia. Como a morte da mãe, o mundo e toda a vida parou ali em casa.

De manhã cedo, o dobre dos sinos doeu-me muito, como nunca me tinha acontecido. Nem na morte dos avós, nem do pai, nem do irmão querido, que há muito tinham partido para uma viagem sem regresso. Eu sentia-me anestesiado pelo ainda inesperado acontecimento, numa ânsia de mal estar e de vazio que me atormentavam o corpo. Era o grande elo que me fez entrar neste mundo e, por isso, a minha razão de ser e de viver.

Porque será que a separação dos entes queridos custa tanto a suportar? Não mais a veria nos seus lugares perdidectos, nos passeios pelo quintal já agarrada a um pau; não mais ouviria a sua voz de apelo ou de ordem que se tornou presente em toda a minha vida, por vezes incómoda e nem sempre sensata, sob o meu ponto de vista. Mas era a mãe, único ser que Deus dá a cada um como um presente de amor e a quem se fica ligado para sempre, quer queiramos quer não, como se houvesse um prolongamento do cordão umbilical.

Eu estava ali só, a tentar desfazer o grande nó com o passado da minha existência. Ali estava eu, como símbolo do presente a fazer a ligação com o futuro da vida que jamais seria igual. Aquele "Não!" foi dito com tanta força como se arrancasse as últimas e ténues ligações à vida.

Acumulavam-se os problemas com quem não quis estar presente ou não teve coragem para estar e ouvir os últimos conselhos. Só eu e Deus sabemos o sofrimento que me ia na alma, sem capacidade para resoluções imediatas, sem discernimento para pensar direito e orientar alguns actos debilmente necessários.

Uma vizinha amiga e a São foram o grande esteio das minhas atribulações espirituais e físicas, como anjos da guarda a manter o véu agitado da serenidade aparente. Cantos de aves conhecidas e quase familiares, verdura e flores por todos os lados, cediam as suas homenagens de despedida àquela que por ali lidou, a passos lentos, como que envergonhada e escondida.

De quando em quando, espalhava-se no céu da aldeia o dobre triste, os sons dolentes anunciadores de que mais uma alma partiu e que era preciso rezar por ela.

Terrivelmente depressivos são esses momentos por que tem de passar a vida humana, mas que nem todos os humanos encaram e suportam da mesma forma. Entendo que fui muito frágil aos

contratempos desse género e que ainda continuo a sê-lo; mas o meu espírito quase não tem matéria em que se apoiar, tal a minha é fraca e de pouca reconstituição, por já estar envelhecida.

Actualmente, aprecio mais as sensações do fofo, do macio da verdura e a beleza das cores, o movimento dos animais inocentes e indefesos, a imaginação da brancura nos píncaros das serras, do que a própria realidade, ainda que esta continue a ser aparente e nos entre mais no corpo através do tacto. Sensível aos olores delicados mas fortemente atraentes, vivo constantemente num mundo poético só meu, que ninguém me pode roubar porque faz parte intimamente do meu ser, absorve-me no todo e faz-me viver num mundo irreal que eu penso exprimir em jogos de lirismo através de palavras que pronuncio e que escrevo, em versos que só eu entendo, ainda que mal combinados.

Para aliviar o peso da minha solidão, os filhos, ora um ora outro, quase me forçavam a sair do meu retiro, levando-me a ver a coisas que eu nunca tinha visto, neste Portugal tão pequenino, tão mesquinho para os seus cidadãos, tão somítico para aqueles que deram a sua carne e a sua mente para a manutenção e o progresso do país.

Só assim eu tive oportunidade de avançar até Almeida⁸⁶, a ver o buraco da cela por onde se esgueirou José Estevão⁸⁷; até Arouca⁸⁸, a ver o túmulo de Santa Mafalda⁸⁹ e o seu convento; até Lamego, com o seu imponente santuário da Senhora dos Remédios; até Oliveira de Azeméis e descer até Ossela⁹⁰ para ver a casa de Ferreira de Castro⁹¹, com a sua mala e as suas botas de emigrante; até ao Caramulo para ver o carro de Salazar⁹²; até ao Seixal para visitar os moinhos do Condestável, em Corroios⁹³; até Mafra para visitar o seu grandioso Mosteiro, a joanina loucura escorialesca, e até Sintra para admirar os seus palácios, as vistas magníficas, o mosteiro franciscano em buracos de rocha forrados a cortiça e a simplicidade do túmulo onde repousa

o corpo do nosso grande escritor Ferreira de Castro; até tantos outros lugares, dignos de respeito e de admiração, aonde fomos levados pela vontade pessoal de cada filho e por sua particular opção, ainda que para satisfazer as minhas curiosidades culturais, que, até então não tivera oportunidade de conhecer e, de que, por dever profissional tantas vezes falei como se já os conhecesse: Bragança, Miranda do Douro, Tomar, Évora, Setúbal, etc.

Por isso, encontro em cada compartimento da casa uma lembrança de cada filho, exposta para alegria nas minhas recordações, com um cheirinho a mar e a serra que preenche o meu espírito e que me dá alento para continuar a ver mais coisas...

Mas, passados esses momentos quase de euforia, eu revejo-me nos trabalhos específicos de cada um dos meus filhos; para cada um deles, fui organizando um dossier pessoal onde se acumulam folhas especiais da sua vida, desde os momentos felizes de carácter religioso, trabalhos da escola primária, do liceu, até às suas actividades actuais. Além disso, esculturas, desenhos, estudos publicados de carácter cultural e tantos outros elos das memórias que tornam felizes o pai e a mãe. Todavia, o espólio mais valioso da sua produção são os netos que vão correndo e crescendo por aqui e por além, alguns já homens e mulheres, que se vão preparando para os desafios da vida.

Tudo tenho na vida, menos uma ocupação constante, como outrora, que me preenchesse os tempos todos. Estes hiatos de tempo são propícios aos pensamentos e à reconstituição do passado, o que é bem um sinal de velhice, de incapacidade e do derruir da grande torre humana que um dia cheghei a ser. Ninguém se lembra de mim para além da família que me visita e me incute coragem para viver com a esposa dilecta e me querem afirmar e consciencializar que tenho

todos os motivos para ter um resto de vida feliz, dedicando-me àquilo que eu sempre gostei de fazer, para além das minhas actividades profissionais.

Insatisfeito, por vezes incompreendido e detestado pelas minhas opiniões, sempre avessas às imposições do estado, apolítico por natureza e crítico incontestado a todos os partidos políticos que se dizem representantes do povo mas que, efectivamente o não são, admiro as liberdades de um Agostinho da Silva⁹⁴ a tocar as raias da anarquia e de um Vitorino Nemésio⁹⁵ que, nas suas agradáveis conversações, perdia o fio à meada e deambulava em agradáveis pensamentos, sem saber bem onde ia nem se ligar ao tema que se propusera desenvolver: "Se bem me lembro..." Aqui vivo, nesta casa destruída pelo próprio tempo, a desmoronar-se momento a momento, identificando-se comigo. Nem azáfama nem alegrias de outrora, nem vindimas nem colheitas de cereais com os seus odores característicos, a abarrotar de canseiras, num vaivém de gente e de animais que impressionava.

Aqui estou cumprindo o meu ciclo de vida, sentindo as nuvens do Inverno com as suas chuvas e tempestades, eu que tive também Primavera, Verão, Outono e que cheguei ao Inverno sem me ter preparado ao longo do tempo e que, inopinadamente, me caíu em cima e me reduziu a um farrapo que os cães podem estilhaçar e cujas pequenas porções poderão adejar no ar impelidas por um vento forte e momentâneo.

Espero sempre qualquer novidade que me possam trazer e me obrigue a sair deste quase torpor em que me deixo cair repetidamente e sem remédio. Espero sempre com ansiedade o cumprimento da promessa de uma visita de qualquer amigo e considero tardios todos os momentos em que se realiza.

Deixo trabalhar consecutivamente qualquer estação de rádio e só vejo na televisão aquilo que me interessa; como posso resumir a pouco os atractivos televisivos, não me deixo fascinar pelas imposições

da pantalha e fico-me descansado e deleitosamente a observar, com cuidado, a vida dos animais nas suas lutas pela conservação e manutenção da espécie. A manutenção do equilíbrio biológico sempre me deu muito que pensar, já que muitas vezes o homem, intrometendo-se nesses caminhos normais da mãe natureza, veio provocar talvez os maiores desequilíbrios, tornando-se difícil recolocar nos seus verdadeiros pontos, as várias fases em que se apoiam as leis por que se rege o nosso universo.

Eu, Samuel, estava condenado a passar por todos os momentos difíceis, quase insuportáveis, a que está sujeita a natureza humana. A morte de um filho, os modernos desvios implacáveis de um neto, metido nas veredas sombrias e espinhosas da droga, desabaram sobre mim como um pesadelo monstruoso, não imaginário mas real. Não tinha cabeça para suportar estas novidades sociais de um mundo a desfazer-se, que eu julgava como um cavaleiro furibundo, que não se podia combater, como uma maldição apocalíptica a cair sobre a sociedade apodrecida e corrupta.

Era a fatalidade social que vinha ao meu encontro, como um monstro jamais sonhado expondo a sua sanha contra os indefesos que não atinavam com os valores invertidos e se deixavam levar na corrente tempestuosa da degradação permanente. Vivia em aflição contínua, amaldiçoando os próprios homens que não tinham meios para enfrentar as novas calamidades e dar um novo rumo aos abúlicos, empeçonhados pelas novas descobertas de venenos contundentes.

Que podia fazer eu, que caminhava à beira do abismo da velhice, não elevando-a como Cícero, mas encontrando nela os gérmenes da vida actual em que os jovens não encontram sendas para atingir outros ideais? Que empregos, que ocupações atractivas para substituírem o mundo visionariamente diabólico que os espreita a cada canto e a cada esquina da povoação?

Vieram as primeiras grandes chuvas anunciadoras do Outono. Os dias arrefeceram e Samuel e a esposa começaram a recolher-se mais cedo na sua sala rural de convívio, anichados nos sofás de estrutura de madeira clara. Ela, em frente do aparelho de televisão fazia e desfazia os pontos de Arraiolos numa tela que parecia rede de pesca. De quando em vez olhava para o aparelho a tentar seguir o enredo de uma telenovela brasileira das muitas que passavam ao longo do dia. Fazia um comentário negativo ao artista malandrão que obrigava a sofrer a pobre rapariga que era um anjo de pureza e de ternura e que merecia, da parte dela, uma palavra de defesa e de comiseração. Ele, que mantinha entre as mãos um livro que lhe ofereceram pelos anos, adormecera e começara a ressonar; não tinha tempo de continuar, porque os apelos da esposa e as expressões de admiração a forçavam a chamar por ele para que visse o que aquele malvado fazia à pobre rapariga. Samuel deixava de ressonar um pouco, abria os olhos, afirmava que não estava a dormir e remergulhava num sono que o fazia ressonar ainda mais alto.

Samuel considerava que as telenovelas eram os melodramas ou os dramalhões românticos deste século e desta era, com uma grande vantagem em relação aos romances e novelas antigos: é que, enquanto estas eram lidas e vistas, se postas em teatro, por um número reduzido de mulheres e raparigas da média burguesia, estas são vistas e ocupam todas as mulheres e até homens que são atraídos pelos sucessos da televisão. A mulher portuguesa, na sua quase generalidade, talvez porque não tivesse tido outras possibilidades, tornou-se escrava dos programas da televisão e não deixa, por nada, passar a hora da sua telenovela.

Nesta altura, eu Samuel, sou o símbolo da fatalidade humana de tipo biológico. Todo o homem que tem a felicidade ou infelicidade de percorrer todos os ciclos de vida, acaba nesta estação deplorável. Não há brios que alentem, não há entusiasmos que façam eclodir a

tão propalada felicidade da velhice. Sinto-me completamente vazio e sem vontade de me activar; sou um autómato que só falo com o meu interior, não dialogo com os outros, sou como a criança autista que se torna centro da sua própria existência, estando quebrados todos os elos de ligação com as outras crianças e com as próprias pessoas de família. Sinto passar na minha mente uma sucessão interminável de imagens do passado que, de certo modo, me marcaram, ficando a vincar a minha personalidade psíquica. Sou exactamente como o pescador desportivo que, lançando a linha à água com o aparelho, se liberta de todos os vínculos ao trabalho vendo a água correr e nem sentindo que o peixe lhe mordeu a isca.

Quando o meu amigo entrou na sala para o visitar, ele, Samuel, saboreava as memórias felizes de todo o seu passado, acariciava quase inconscientemente as imagens das pessoas queridas, que já foram na voragem do tempo, e quase nem deu pela sua chegada. Dialogava interiormente consigo próprio, como se, no espelho da sua consciência, sentisse a voz dos mais directos que faleceram e continuam a falar-lhe do lado de lá, dando as suas impressões e opiniões, sugerindo conselhos, chamando-o de longe, quase esfumados.

Então como vai? – Perguntou amistosamente o visitante.

Ele acariciava, deliciosamente, um castão de prata belamente cinzelada de uma bengala que pertencera a seu avô materno.

Aos oitenta anos, inconformado com o mundo em que vivia, somente acarinhado pelos seus e por uns poucos que considerava seus amigos, deplorando os sucessos de um mundo inquietante para cujo futuro ele não antevia uma melhoria apaziguadora das consciências humanas, Samuel entregou a alma ao Criador numa manhã serena de Outono, quando as folhas amarelecidas das árvores caíam, estremecendo à passagem de uma ligeira brisa anunciadora dos primeiros frios e das primeiras chuvas do Inverno que não tardaria a chegar.

A primeira folha de um maço de papéis atados abandonado sobre uma mesinha continha um poema que alguém escrevera a seu respeito e que poderia servir como epitáfio, por reflectir, sinteticamente, o homem que foi durante toda a sua vida:

Aqui jaz um homem que foi crente;
Lutou, estudou, a todos semelhante;
Propriamente seu, nunca teve um instante,
Amou os animais, as plantas, toda a gente.

Foi carne e vida em si, conjuntamente;
Da natura inteira, elevado amante;
Foi sangue, foi seiva e água cantante,
Fora fruto, foi caule e foi semente.

No decorrer do tempo, espaço fora;
Foi germe de outros seres, enaltecido
Pela grandeza de Deus, seu Criador...

Aqui descansa a derradeira hora,
Da carne e sangue já ao pó volvido,
Exemplo inerte do seu próprio amor.

que o filósofo pode ter com o mundo, que é o mundo que o filósofo encontra. O mundo que o filósofo encontra é o mundo que ele quer encontrar. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja familiar, que lhe seja confortável, que lhe seja amigável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja útil, que lhe seja proveitoso. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável.

Quando o filósofo encontra um mundo que lhe é estranho, ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja familiar, que lhe seja confortável, que lhe seja amigável. Ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja útil, que lhe seja proveitoso. Ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja agradável. Ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja agradável. Ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja agradável. Ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja agradável. Ele não pode resistir à tentação de transformá-lo em um mundo que lhe seja agradável.

É assim que o filósofo se vê confrontado com a questão da liberdade. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja familiar, que lhe seja confortável, que lhe seja amigável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja útil, que lhe seja proveitoso. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável. Ele quer encontrar um mundo que lhe seja agradável.

Revista de Filosofia
Editora da Universidade de São Paulo
São Paulo - SP - Brasil

www.revistas.usp.br/rf
ISSN 0034-8314 | DOI 10.1163/2238048X-2024-0001

Notas

bibRIA

bibRIA

- 1 Alá** – Do árabe Allah, Deus. Nome por que os árabes, maometanos e muçulmanos designam o seu Deus.
- 2 Javé ou Jehová** – Nome bíblico de Jeová; do hebraico Yahv, nome do ser absoluto e eterno. Nome de Deus na língua hebraica. Como os hebreus nunca pronunciavam o nome sagrado, incluíram no conjunto das consoantes YHVH as vogais de Adonay com o sentido de Senhor.
- 3 Bin Laden, Osama** – Herdeiro de grande fortuna, abandonou a vida de luxo na Arábia Saudita e, com 22 anos, deslocou-se para o Afeganistão para lutar contra os soviéticos. Tornou-se chefe e líder fundamentalista da doutrina islâmica e lidera a Al Qaeda, grupo responsável pelos monstruosos ataques terroristas levados a cabo em várias nações do Ocidente e não só. Ficará tristemente célebre pelos milhares de mortes inocentes, como aconteceu com o ataque às célebres torres do Centro de New York (World Trade Center).
- 4 Hitler, Adolf** - (1889-1945) – Político alemão nascido na Áustria, de uma família de pequenos camponeses. A sua ambição desmedida, através da luta política, levou-o a ascender a cargos elevados: foi chefe do partido nacional-socialista, chanceler e Chefe do Terceiro Império (Führer den Dritten Reich). A sua política externa levou-o implacavelmente à Segunda Guerra Mundial, durante a qual assumiu a chefia suprema dos exércitos alemães. Ficou tristemente célebre pela desumana e monstruosa perseguição aos Judeus e pela sua morte em vários campos de concentração.
- 5 Blaise Pascal** – (1623-1662) – Filósofo, matemático, físico e escritor francês. Escreveu o “Tratado das secções cónicas”, inventou uma máquina de calcular e entregou-se a outros numerosos trabalhos científicos. Converteu-se em 1654, tornou o partido dos jansenistas e atacou os jesuítas nas suas “Lettres Provinciales”. Grande pensador, morreu antes de ter acabado de escrever uma apologia da religião cristã, cujos fragmentos foram publicados posteriormente sob o título de “Pensées” de Pascal.
- 6 Albino Forjaz de Sampaio** – (1884-1949) – Jornalista, divulgador literário, poeta e prosador, em cujas obras ressalta uma amarga sabedoria eivada de pessimismo na peugada da filosofia de Nietzsche e de Schopenhauer. Escreveu, entre outras obras, “Palavras Cínicas”, “Tíberio, Filósofo e Moralista”, “Porque me orgulho de ser Português”, “O que todo o Português deve saber de Portugal”. Dirigiu os cadernos da Colecção Patricia e a “História da Literatura Portuguesa Ilustrada”, em quatro volumes.
- 7 Francisco Fernando** - (1863-1914) – Arquiduque e príncipe herdeiro da Áustria; foi assassinado em Sarajevo em 28 de Junho de 1914, facto que se tornou pretexto para se vir a desencadear a Primeira Grande Guerra.
- 8 Sarajevo** – Cidade da Jugoslávia, capital da Bósnia-Herzegovina. Em 1914, o arquiduque de Áustria foi aí assassinado. Este crime fez desencadear a Primeira Grande Guerra, de 1914-1918.
- 9 Kaiser** – Vocabulário alemão correspondente ao latim *Cæsar*. Título de alguns imperadores alemães.
- 10 Bismarck, Otto, príncipe de** – (1815-1898) Homem de estado prussiano, um dos fundadores da unidade alemã. Alcançou grande sucesso na guerra de 1870-1871, contra a França. Chanceler do Império, tudo fez para aumentar o poder imperial, transformando a Alemanha numa potência europeia e colonial.
- 11 Dantzig ou Gdansk** – O Golfo de Dantzig é formado pelo mar Báltico, perto da foz do Vístula. A ocupação do corredor polaco de Dantzig pelos alemães fez desencadear a Segunda Guerra Mundial a partir de 1939.
- 12 Richthofen, Manfred von** (1892-1918) – Conhecido pelo Barão Vermelho, foi aviador alemão da Primeira Grande Guerra Mundial, tido como paradigma do herói piloto de combate. Tornou-se um piloto temido pelos inimigos com 23 anos de idade, pilotando um Albatros DII vermelho, com o qual abateu 80 aviões seus inimigos. Foi abatido quando sobrevoava as linhas britânicas.
- 13 Frederico Garcia Lorca** (1899-1936) – Poeta e autor dramático espanhol, nasceu em Fuentevaqueros. Escreveu várias obras, entre as quais o “Cancionero Gitano” e a obra póstuma “La Casa de Bernarda Alba”. Foi assassinado em Viznar, perto de Granada, no começo da Guerra Civil Espanhola.

- 14 Foch** (1851-1929) – Marechal de França, comandou durante a Primeira Grande Guerra o 9º exército, o grupo dos exércitos do Norte e, elevado ao posto de Generalíssimo das tropas aliadas em 1918, conduziu-as à vitória.
- 15 Ludendorff, Eric von** (1865-1937) – General alemão, adjunto do marechal Hindenburg em 1916, dirigiu desde então, efectivamente, os exércitos alemães.
- 16 Clémenceau, Georges** (1841-1929) – Destacada personalidade política francesa, Ministro da Guerra e Presidente do Conselho em 1917. Foi um dos obreiros da vitória dos Aliados e negociou o tratado de Versailles em 1919.
- 17 Führer (n. al.)** – Chefe de partido na Alemanha. Título atribuído a Adolf Hitler como chefe do 3º Reich.
- 18 Guernica** – Cidade da Espanha na Biscaia. Nesta cidade, Fernando e Isabel de Castela juraram respeitar as liberdades bascas. Foi destruída pela aviação alemã durante a Guerra Civil, em 1937, o que deu origem à célebre pintura do mesmo nome, de Picasso.
- 19 Junker** – Designação de aviões alemães bombardeiros, muito usados durante a Segunda Guerra e também utilizados na destruição da cidade de Guernica, no norte de Espanha.
- 20 Normandia** – Província de França que se tornou célebre pelo desembarque aliado em Junho de 1944. Foi a primeira província libertada mas suportou muitas destruições.
- 21 Rommel, Erwin** (1891-1944) – Marechal alemão que foi comandante da divisão blindada em 1940 e da Afrika Korps em 1941-1943. Anti-nazi, terá provocado a morte por ordem de Hitler.
- 22 África Korps** (1941-1943) – Corpo do exército alemão comandado pelo Marechal Erwin Rommel, o qual, com os seus avanços e recuos, no Norte de África, pôs em grandes dificuldades os exércitos aliados.
- 23 Montgomery, Bernard Law** (1887-1976) – Marechal britânico nascido em Londres, foi vencedor em El-Alamein em 1942. Comandante-chefe das forças terrestres britânicas, desembarcou na Normandia e conduziu as suas tropas até ao Báltico.
- 24 Rio da Prata** – Largo estuário da América do Sul, formado pelo Uruguai e pelo Paraná, banhando Buenos Aires e Montevideo. Nesse estuário, foi afundado um grande vaso de guerra alemão que aí se havia refugiado. De facto, em 1939, o comandante do cruzador alemão Graf Spee, Hans Langsdorff, aí ficou com o seu navio de guerra e a maior parte da tripulação, dando ao mundo um exemplo de heroicidade, altruismo e de humanidade. A essa luta travada entre os vasos de guerra britânicos e o cruzador alemão, deu-se o nome de *Batalha do Rio da Prata*.
- 25 Hiroshima ou Hiroshima** – Grande cidade japonesa que foi completamente arrasada por uma bomba atómica lançada pelos americanos em 6 de Agosto de 1945, no fim do conflito da Segunda Guerra Mundial. Nagasaki foi a outra cidade nipónica alvo de segunda bomba atómica também lançada pelos norte-americanos em 9 de Agosto de 1945.
- 26 Zero** – Nome vulgar dado ao avião de caça japonês Mitsubishi, S. 00, monoplano dotado de grande velocidade, de grande poder de ataque e de precisão.
- 27 Kamikaze** – Nome japonês por que se designa o ataque suicida de piloto que se lança juntamente com a carga explosiva do seu avião contra qualquer alvo inimigo, atingindo assim com precisão o que se pretende destruir.
- 28 Pearl Harbour** – Porto da ilha de Oahu, no arquipélago do Hawaii, em cuja base naval de Pearl Harbour a esquadra americana foi atacada sem contar e muito danificada pelos japoneses, em 7 de Dezembro de 1941. Este facto levou os Estados Unidos a entrarem na Segunda Guerra Mundial.
- 29 Nuremberga** – Cidade da Alemanha, na Baviera. Foi aí instalada a sede do julgamento dos processos dos grandes criminosos de guerra, o qual se prolongou de 1945 a 1949.
- 30 Estaline, Joseph Djougachvili, dito Staline** (1879-1953) – De seminarista, tornou-se político e revolucionário militante. Homem de estado soviético, foi secretário-geral do partido comunista, comissário da defesa e

presidente do conselho dos comissários do povo; marechal da União, generalíssimo e Presidente do Conselho de ministros, em 1946. De uma dureza implacável, estabeleceu na Rússia uma ditadura muito mais impiedosa do que a de Lenine.

31 Junqueiro, Abílio Manuel Guerra (1850-1923) – Nascido em Freixo de Espada à Cinta, frequentou os estudos secundários no Porto e a Faculdade de Teologia de Coimbra. Nesta cidade, veio a formar-se em Direito. Fez parte dos Vencidos da Vida e aderiu ao partido republicano. Foi um grande panfletário e a sua obra foi influenciada por Victor Hugo. Escreveu, entre outras obras poéticas, "A Morte de D. João", "A Velhice do Padre Eterno", "Os Simples", "Pátria", "Oração ao Pão", "Oração à Luz", etc.

32 Eldorado – País imaginário que Orellana, lugar-tenente do conquistador Pizarro, pretendia ter descoberto entre o rio Amazonas e o Rio Orinoco e que, de acordo com o nome, o Dourado, abundava em ouro. Vários escritores passaram a utilizar esta designação para indicar qualquer território rico em demasia, mas só existente na imaginação.

33 Voltaire, François - Marie Arouet, dito (1694-1778) – Escritor e filósofo francês, em cujas obras a crítica política, social e anti-religiosa é evidente e acerada. Dotado de grande talento, de grandes conhecimentos e de uma poderosa imaginação, o seu génio cultivou todos os géneros: poesia, teatro, história, contos filosóficos, cartas filosóficas, dicionário filosófico, etc., etc.

34 Camões, Luís Vaz de (+/-1525-1580) – Muitos dados biográficos do nosso maior poeta permanecem incertos. Combateu em Ceuta, embarcou para a Índia, viajou pelo Oriente. Escreveu a epopeia "Os Lusíadas", "Rimas" e as peças de teatro "Anfitriões", "Filodemo" e "Auto de El-Rei Seleuco", sendo, por isso, apreciado não só como poeta épico mas também como lírico e dramaturgo.

35 Vieira, Padre António (1608-1697) – Nasceu em Lisboa e muito novo partiu para o Brasil onde foi aluno dos jesuítas, sendo ordenado sacerdote em 1635. Foi missionário e grande defensor dos índios. Acusado de herético, foi preso e julgado pelo Santo Ofício em Coimbra. Pregador vigoroso, usando uma linguagem precisa e realista, criou a ideia do Quinto Império. Considerado um dos melhores prosadores da Língua Portuguesa, escreveu numerosos "Sermões", "Cartas" e "História do Futuro".

36 Quinto Império – Vieira, visionário e sebastianista, foi o criador do ideário do Quinto Império, uma nova era sob a égide temporal e gloriosa de Portugal. Fernando Pessoa, na sua obra "Mensagem", dá sequência muito própria às ideias de Padre António Vieira.

37 Pessoa, Fernando António Nogueira (1888-1935) – Considerado um dos maiores escritores portugueses a par de Camões, é um poeta modernista, bilingue, plurifacetado, que tem sido muito estudado e muito comentado. Tendo feito a sua educação e a sua formação na África do Sul, dominava o inglês como segunda língua; e, tendo regressado a Portugal, escreveu muito e publicou pouco, pois a única obra editada foi a "Mensagem". Todas as suas outras obras foram publicadas postumamente: "Poesias de Álvaro de Campos", "Poemas de Alberto Caeiro", "Odes de Ricardo Reis", "Livro do Desassossego" por Bernardo Soares – todos seus heterônimos; "Poesias inéditas", "Quadras ao gosto popular", "Poemas ingleses", etc.

38 D. Duarte (1391-1438) – Cognominado O Eloquente, foi o 11º rei de Portugal e o 2º rei da Dinastia de Aviz. Bom conhecedor da vida humana e dos seus problemas, pertenceu ao grupo dos prosadores de Aviz e escreveu obras didáticas: "Ensinação de bem cavalgar toda a sela" e "Leal Conselheiro". Teve vida e um reinado curtos.

39 Rodrigues Lobo, Francisco (+/-1579-1621) – Nasceu em Leiria em ano controverso, frequentou a Universidade de Coimbra onde obteve o grau de bacharel em Leis e recebeu ordens menores. Morreu afogado no Tejo numa viagem de barco entre Santarém e Lisboa. Tendo vivido sob o domínio filipino, foi afecto à

Casa de Bragança por cujos duques foi protegido. Poeta e prosador de valor da segunda fase da época clássica, seguiu os temas do classicismo; foi, na lírica, discípulo de Camões e defendeu a pureza da Língua Portuguesa na esteira de António Ferreira. Escreveu "Éclogas", os romances "Primavera", "O Pastor peregrino" e "Desenganado", o poema épico "Condestabre de Portugal" é a notável obra em prosa "Corte na Aldeia", entre muitas outras.

40 D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) – Nascido em Lisboa, é um dos maiores vultos da Literatura Portuguesa. Teve uma vida agitada, serviu a Espanha nas guerras da Catalunha e aderiu ao movimento autonomista português. Polígrafo de renome, foi historiador, poeta, prosador, epistológrafo, moralista, filósofo e dramaturgo. Escreveu "História de los Movimientos y Separación de Cataluña", "Obras métricas", "Epanáforas de varia História Portuguesa", "Apólogos dialogais", "Carta de Guia de Casados" e, como autor de teatro, "Auto do Fidalgo aprendiz" no rastro de Gil Vicente, entre muitas outras obras.

41 Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida (1799-1854) – De formação arcádica, Almeida Garrett foi o introdutor do Romantismo na Literatura Portuguesa; após a publicação de várias obras de tipo clássico, publicou os poemas "Camões" e "D. Branca", introdutores do novo movimento. Publicou o "Romanceiro", "Flores sem fruto", "Folhas caídas", "Lírica de João Mínimo"; várias peças de teatro: "Catão", "Um Auto de Gil Vicente", "Frei Luís de Sousa", entre outras. Em prosa, tornaram-se notáveis "O Arco de Sant' Ana", "Viagens na minha terra", "Portugal na balança da Europa", etc.

42 D. Carolina Wilhelma Micaelis de Vasconcelos (1851-1925) – Alema nascida em Berlim, tornou-se portuguesa pelo casamento e acrescentou ao seu o nome do marido. Professora, ensaísta, etnógrafa, filóloga, pedagoga, dedicou-se ao estudo da Literatura Portuguesa. Colaborou em muitas revistas e publicou numerosos trabalhos de mérito: "Fragmentos Etimológicos", "Romances velhos em Portugal", Lições de Filologia Portuguesa", "A Saudade Portuguesa", "Algumas palavras a respeito de púcaros em Portugal", etc. Foi Professora da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra.

43 Freud, Sigmund (1856-1939) – Psiquiatra austríaco, nascido em Freiberg, pelo seu método de psicanálise, interpretou, por influências psicosexuais, um vasto número de actos e de atitudes humanas.

44 Schopenhauer, Arthur (1788-1860) – Filósofo alemão nascido em Dantzig. As suas obras reflectem um grande pessimismo sobre a sociedade e as suas ideias não foram alheias a alguns eruditos e escritores portugueses.

45 Baudelaire, Charles Pierre (1821-1867) – Poeta e crítico francês, nascido em Paris, teve uma infância e uma juventude difíceis, facto que marcou toda a sua vida. Na obra poética "Les fleurs du mal", expurga dos seus versos o didactismo, a filosofia e a retórica, usando novas imagens e um estilo novo.

46 Aupick – O general Aupick foi o segundo marido da mãe de Baudelaire. O poeta, tendo perdido o seu pai quando era muito jovem ainda, desentendeu-se com a mãe quando ela voltou a casar com o general Aupick. A partir de então, manteve uma existência dolorosa, destruindo a sua própria saúde e esbanjando toda a sua fortuna.

47 Júlio César da Costa Machado (1835-1890) – Este autor foi um dos folhetinistas mais considerados do seu tempo. A morte do seu filho único fez com que a sua vida acabasse numa lamentável tragédia. Escreveu alguns romances de tipo realista: "Cláudio", "A mulher casada", etc. Quadros realistas de certos meios da vida lisboeta, em "A vida em Lisboa". A sua melhor obra é "Contos ao luar". Compôs algumas peças de teatro, como: "O anel da aliança", "Amor às cegas". Escreveu impressões de viagens e fez algumas traduções, como a da "Histoire de Gil Blas de Santillane" de Lesage.

48 Camilo Castelo Branco (1825-1890) – Órfão de pai e mãe muito cedo, Camilo foi preparado culturalmente por um tio padre em Vilarinho da Samardã, o qual o iniciou no latim e nas leituras dos clássicos portugueses.

Sem qualquer curso, embora tenha frequentado vários, Camilo foi um dos mais fecundos polígrados da Literatura Portuguesa. Escreveu, entre outras obras, incluindo peças de teatro, "Amor de perdição", "Mistérios de Lisboa", "Onde está a felicidade?", "A queda de um anjo", "Eusébio Macário", "Novelas do Minho", "Brasileira de Prazins", "O Judeu", "O Olho de Vidro", etc.. Camilo constitui com João de Deus e Júlio Dinis o grupo de transição da primeira fase romântica para o Realismo.

49 Trindade Coelho, José Francisco (1861-1908) – Nasceu em Mogadouro e formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Dedicou-se à advocacia e ingressou no funcionalismo público mas pediu a exoneração do cargo. Escreveu "Os meus amores", em que se revelou um notável contista, "In illo tempore" como recordações da vida de Coimbra e outras obras.

50 Antero Tarquínio de Quental (1842-1891) – Tendo nascido em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, Açores, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Desencadeou a célebre Questão Coimbrã e integrou o grupo que viria a efectivar as conhecidas Conferências do Casino Lisbonense. Escreveu "Sonetos", "Odes Modernas", "Primaveras Românticas", "Raios de extinta luz", etc. Nas "Odes Modernas", o autor apresenta-se como um intelectual cheio de preocupações filosóficas, morais e sociais, na peugada de modernos filósofos estrangeiros.

51 Mouzinho de Albuquerque, Joaquim Augusto (1855-1902) – Aluno do Colégio Militar, acabou o curso na Escola do Exército. Major de cavalaria, foi governador do distrito de Lourenço Marques e, depois, fez parte de expedições militares de carreira colonial. Comandou a força que prendeu Gungunhana em Chaimite. Escreveu o livro "Mocambique", foi preceptor do Príncipe Real D. Luís Filipe e, desagradado e desiludido com o ambiente social que o rodeava, suicidou-se.

52 Soares dos Reis, António (1847-1889) – Notável escultor romântico, nascido em Mafamude, Vila Nova de Gaia. Preparou-se na Academia Portuense de Belas-Artes, estudou em Paris e tornou-se célebre com algumas das suas obras: "O Desterrado", "Estátua do Conde Ferreira", "Cristo Morto", "São José" e "São Joaquim". Suicidou-se em 1889.

53 Stefan Zweig (1881-1942) – Novelista e biógrafo, nasceu em Viena de Áustria numa família de judeus ricos. Exiliou-se voluntariamente em Londres, depois nos Estados Unidos e, por último, no Brasil, onde se suicidou com a esposa. Escreveu "Amok", "Os grandes Momentos da Humanidade", "Américo Vesúcio", "Maria Antonieta", "Maria Stuart", "Fernão de Magalhães", etc.

54 Cícero, Marcus Tullius (106-143 a. C.) – Nascido perto de Arpinum, foi o mais eloquente dos oradores romanos. Foi cônsul e o seu comportamento levou-o a ser considerado *Pai da Pátria*. As suas obras de orador, dotadas de um estilo pleno de vigor e de uma linguagem poderosa na defesa dos seus ideais, fizeram que fosse assassinado pelos soldados de António.

55 Nicolau Tolentino de Almeida (1740-1811) – Nasceu em Lisboa mas frequentou a Faculdade de Leis na Universidade de Coimbra. A sua obra, formada por sonetos, odes e sátiras, grajeou-lhe certa fama, particularmente as sátiras com a crítica humorística a certos quadros da vida social lisboeta. Escreveu "Sátiras e Epístolas" e outras obras.

56 Boila – Povoação que foi sede de um posto administrativo de grande riqueza agrária, em Moçambique. Aí, depois da pacificação dos africanos, afluiam os produtos do interior, carregados no extremo navegável do canal. Conheceu então um surto de progresso mas, com o desenvolvimento de António Enes com boa localização sobre o porto de Angoche e com a melhoria das comunicações marítimas e outras, a povoação de Boila passou a segundo plano e entrou em declínio.

57 Meluli ou M' Iuli – É um dos maiores rios que banha o território de Angoche (Moçambique), juntamente

com o Larde e o Ligonha. Os terminais de seus leitos abrem-se através de lezírias de aluviões que são de grande fertilidade pelos componentes aí deixados pelas cheias em tempo próprio.

58 **Sancul** – Pequena povoação indígena, com influência suáli e muçulmana, situada no continente africano, perto do Lumbo e não longe da Ilha de Moçambique. Outrora muito animada, veio perdendo cada vez mais a sua importância.

59 **Lumbo** – Povoação importante, situada em frente da Ilha de Moçambique, no Continente africano. Posto terminal do caminho de ferro que atravessa todo o território moçambicano, possuía um hotel de boa categoria e a baía, a que deu o nome, chegou a permitir intenso tráfego marítimo e aéreo. Com a mudança do porto marítimo para Nacala, o Lumbo, a Ilha de Moçambique e todas as povoações limítrofes caíram em declínio, perdendo a sua importância e ficando quase abandonadas.

60 **Ilha de Mafamede** – Pequena ilha situada ao sul de António Enes, foi posto comercial de escravatura, praticada por vários sultões, nomeadamente o de Zanzibar.

61 **Ilha de Quiloa ou de Quílua** – Foi capitania-mor englobando as terras do antigo sultanato e teve a sua sede na posição insular de Naija, sobre o canal de Angoche. De Quílua, que foi antiga sede de posto administrativo, resta uma povoação com poucas casas de comerciantes asiáticos, situada na periferia da ilha, numa baía que possui uma pequena praia.

62 **Ilha de Moçambique, Mulbâium dos Mouros, Muipithi dos Macuas e Mussambidji dos Maometanos Cotis e Macas** – Ilha de coral onde se desenvolveu uma povoação importante que chegou a ser a capital da antiga colónia portuguesa. Conquistada pelos Portugueses em 1506, apresenta ainda um acervo cultural e arquitectónico digno de respeito: a Fortaleza de S. Sebastião em local escolhido por D. João de Castro em 1545, a Capela da Nossa Senhora do Baluarte, o Arsenal da Marinha, o Palácio de São Paulo com a sua capela, a Igreja da Misericórdia, etc. Um pouco destacado da Ilha, o Fortim de São Lourenço.

63 **Palmira ou Tadmor** – Com o significado de Cidade das Palmeiras, é um topônimo da Síria, do qual, actualmente, são conhecidas as ruínas. Outrora cidade poderosa sob o reinado de Zenóbia, foi tomada pelos Romanos em 272 e destruída por Aureliano. As suas importantes ruínas foram reencontradas no fim do séc. XIX.

64 **Zenóbia** (? - 274 d. C.) – Rainha de Palmira, esposa do rei Odenath, vencida e posta em cativeiro por Aureliano em 271. Durante o período do seu reinado, Palmira foi como que a capital do Oriente.

65 **Halifax** – Inglês que, em 1691, guiado por beduínos, descobriu as ruínas de Palmira, fazendo a sua descrição que ficou incluída na narração da sua viagem.

66 **Conde de Volney, Constantin François de Chasseboeuf** (1757-1820) – Escritor francês nascido em Craon-sur-Oudon. Foi autor de “Ruinas” ou “Meditações sobre as revoluções dos impérios”, em que se inserem as “Ruinas de Palmira”.

67 **António Augusto Cruzeiro de Cártima** (1895-1983) – Nascido no lugar da Gesta da freguesia de Oia, Concelho de Oliveira do Bairro, António de Cártima é uma honra da Bairrada. Diplomata, novelista, poeta, foi cônsul português em Dacar e em Sevilha. Escreveu “Marília”, “Bodas de Vinho”, “Epopeia Maldita”, “Caminho de Siegfried”, “Sortilégio Senegalês”, “Notícias de Anto e de Purinha”, “O Carisma de Fátima e a Teologia Islâmica”, etc.

68 **Padre Acúrcio Correia da Silva** (1889-1925) – Nasceu no lugar do Cercal do Concelho de Oliveira do Bairro. Exerceu o sacerdócio na freguesia de Sangalhos e foi considerado um grande orador sagrado. Foi o fundador da célebre Pléiade Bairradina juntamente com António de Cártima e outros. Publicou em prosa e verso “Dor e Luz” e “Seroadas Fulvas”. Deixou muitos trabalhos inéditos, como “Divagando por sobre o pó”, “Sonetos do Sul”, etc.

69 Catão, o Antigo, ou Marcus Porcius Cato (234-149 a. C.) - O grande lavrador de Tusculum, Romano de velha cepa, foi símbolo reconhecido da resistência ao Helenismo. Fiel aos costumes ancestrais, opôs-se tenazmente às infiltrações da civilização grega com a sua cultura e com a sua língua e defendeu a destruição de Cartago (Censeo Carthaginem esse delendam). A forte corrente cultural grega levou-o a aprender grego na sua velhice.

70 Licínio da Silva Pinto - Artista aveirense, notável pelas suas pinturas em azulejo; autor de painéis com imagens da cidade e seus arredores e bem assim com a paisagem da ria com a sua vegetação, em que prevalecia o azul e o branco. Anunciamos um belo painel de ornamentação interior, de evocação romântica, devidamente datado e assinado: Fábrica da Fonte Nova, 1906/Licínio Pinto.

71 Júlio Dantas (1876-1962) - Nasceu em Lagos, fez os estudos no Colégio Militar e formou-se em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi ministro, inspector das Bibliotecas e Presidente da Academia das Ciências. A sua obra literária é muito vasta: escreveu romances, poesia, contos, ensaios, peças de teatro, etc. Foi um cultor da elegância, autor de: "A Severa", "Pátria Portuguesa", "Contos", "Viríato Trágico", "A ceia dos Cardiais", etc.

72 Bento Jesus Caraça (1901-1948) - Nasceu no Alentejo e foi elevado vulto da cultura portuguesa do seu tempo. Matemático e ensaísta, foi professor de Matemática e grande pedagogo. Colaborou em várias revistas como a "Seara Nova" e "Vértice". Publicou várias obras ligadas à sua área e outras, como "Galileu Galilei", "Rabindranath Tagore", etc. Ligado à Universidade Popular Portuguesa, foi impedido de leccionar pelo regime então vigente, por causa das suas ideias políticas.

73 Almada Negreiros, José de (1893-1970) - Foi uma das personalidades mais célebres da cultura portuguesa contemporânea pelo seu vigor e pela sua originalidade. Salientou-se como pintor, desenhador, caricaturista, poeta, dramaturgo, ensaísta e romancista. Foi um dos fundadores da revista "Orpheu" e da revista "Portugal Futurista". Escreveu "A Invenção do Dia Claro", "Nome de Guerra", "Deseja-se Mulher", "Pierrot e Arlequim", "S.O.S.", entre outras obras.

74 Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha (1907-1995) - Nasceu em S. Miguel da Anta, Trás-os-Montes, emigrou para o Brasil bastante novo e, tendo regressado a Portugal, formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra. Viveu nesta cidade e aqui exerceu as suas funções de clínico. Colaborou em várias revistas e escreveu um conjunto de obras notáveis onde revela um profundo afecto pelas criaturas mais infelizes e uma íntima revolta para com Deus. Entre muitas obras, surgiram as seguintes: "Lamentação", "Cântico do Homem", "Bichos", "Contos da Montanha", "Vindima", um "Diário" em verso e prosa em 12 volumes, etc.

75 António Gedeão (1906-1997) - Natural de Lisboa, licenciado em Ciências Físico-Químicas, António Gedeão, pseudônimo de Rómulo de Carvalho, foi investigador da História das Ciências e autor de vários livros escolares da especialidade. Poeta originalíssimo, procurou introduzir na sua poesia a actualização da cultura científica, além de aspectos sociais que revelam grande simpatia pelo sofrimento e pelas necessidades de todos quantos trabalham. Publicou, além de outras obras, "Movimento Perpétuo", "Teatro do Mundo", "Máquina do Fogo", etc.

76 António Tomás Botto (1897-1959) - Poeta e prosador natural de Abrantes, expunha nas suas obras uma alma franca, acompanhada de certa morbidez psíquica. Poeta de valor, de técnica apurada, foi então incompreendido pela exaltação da beleza masculina. Autor delicadíssimo de textos para crianças, a sua obra foi motivo de estudos críticos por autores de valia, com referências bastante elogiosas. Morreu no Brasil, vítima de um acidente de automóvel. Escreveu as "Canções" de António Botto, "Fátima-Poema do Mundo", os "Contos" de António Botto, para crianças e adultos, "O meu Amor Pequenino", etc.

77 Sebastião Artur Cardoso da Gama (1924-1952) – Nascido em Vila de Nogueira da Azeitão, licenciou-se em Filologia Romântica pela Universidade de Lisboa. Foi um delicadíssimo professor de Língua Portuguesa, de cuja actividade pedagógica nos deixou páginas brilhantes no seu "Diário". Escreveu essencialmente livros de poesia: "Serra-Mãe", "Cabo da Boa Esperança", "Pelo sonho é que vamos", "Itinerário Paralelo"; "Campo Aberto" foi a última obra que publicou em vida. Teve uma existência curta, pois foi vitimado pela tuberculose com 28 anos de idade.

78 Cesário Verde, José Joaquim (1855-1886) – Nascido em Lisboa filho de pai abastado, começou a trabalhar com ele, após os exames primários. Fez viagens a Paris e a Londres e matriculou-se no Curso Superior de Letras que não chegou a completar. Ái se relacionou com Silva Pinto que viria a publicar, postumamente, as suas poesias dispersas, com o título "O Livro de Cesário Verde", embora esta edição não as contivesse todas. Morreu muito novo, vitimado pela tuberculose.

79 Santo António (1190-1231) – Nasceu em Lisboa junto à sé e chamou-se, no século, Fernão de Bulhões. Entrou para a Ordem de S. Vicente de Fora, mas deslocou-se para Coimbra e passou à Ordem dos Franciscanos. Partiu para missionar em Marrocos mas, ao regressar, o barco foi ter às costas da Itália, onde conviveu com S. Francisco de Assis. Foi pregador, professor de Teologia, e os seus "Sermões" foram editados em Pádua, onde viveu e faleceu, ficando também a ser conhecido por Santo António de Pádua.

80 Cousteau, Jacques-Yves (1910-1997) – Nasceu em Saint-André-de-Cubzac, França, em 1910. Foi oficial da marinha e veio a dedicar-se à oceanografia. Orientou várias actividades marítimas e inventou o escafandro autónomo que revolucionou a capacidade e a eficácia do mergulho. As descrições dessas tarefas de exploração estão reunidas na obra "Le Monde du Silence", escrita de parceria com Frédéric Dumas.

81 Frédéric Dumas – Também oficial da marinha francesa, foi companheiro de Cousteau e com ele realizou numerosas expedições, sendo considerado um dos melhores mergulhadores do seu tempo.

82 Após os primeiros anos de pesquisas realizadas por Cousteau e Dumas, com mergulhos, foi feita a adaptação de um navio que veio a designar-se Calypso, o qual, então, passou a ser o mais moderno barco francês de explorações oceanográficas.

83 Eleana – É o nome bíblico como o de sua mulher Ana, os quais foram pais de Samuel, conforme o *Primeiro Livro de Samuel*.

84 Orfeu – Segundo uns, filho de Oeagre, rei da Trácia, e da musa Calíope; segundo outros, de Apolo e de Clio. É considerado o maior músico da Antiguidade. Tendo a sua mulher, Eurídice, sido mordida por uma serpente no dia do noivado, Orfeu desceu aos Infernos e comoveu, pela doçura do seu canto, as divindades infernais, que lhe devolveram a esposa com a condição de não olhar para trás antes de ultrapassar os limites da morada infernal. Orfeu não cumpriu e perdeu a sua mulher para sempre.

85 Eurídice – Esposa de Orfeu, morta no dia de núpcias, e perdida para sempre no império infernal, pela desobediência de seu marido.

86 Almeida – Vila fronteiriça e povoação do distrito da Guarda. Cercada de muralhas, desempenhou um papel importante, principalmente durante as Invasões Franchesas. A praça-forte encerra alguns monumentos de valor.

87 José Estêvão Coelho de Magalhães (1809-1863) – Nasceu em Aveiro e formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Orador de mérito, político arrebatado, foi deputado às Constituintes. Antes teve que abandonar o país por ter participado em várias revoltas e tomou parte na expedição de D. Pedro IV, salientando-se no Cercô do Porto. Foi professor de Economia Política na Escola Politécnica de Lisboa. Grande tribuno, foram célebres os seus discursos no Parlamento, nomeadamente o do Porto Pireu em resposta a Almeida Garrett.

- 88 Arouca** – Vila e Concelho situado a NE do distrito de Aveiro. A povoação desenvolveu-se à volta do Mosteiro desde o século X e recebeu foral em 1151. O seu notável Mosteiro foi fundado antes da fundação da Nacionalidade, no século X e recebeu grande impulso sob a acção de D. Mafalda, filha de D. Sancho I, que aqui professou. Recebeu foral novo de D. Manuel I, em 20 de Dezembro de 1513.
- 89 Santa Mafalda** – Filha de D. Sancho I, casou com Henrique I de Castela, que morreu antes de realizado o matrimónio. Tendo então regressado a Portugal, passou toda a sua vida no Mosteiro de Arouca que ela fez passar da ordem Beneditina à Ordem de Cister. Morreu em 1256.
- 90 Ossela** – Aldeia do Concelho de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro, onde nasceu o escritor autodidacta Ferreira de Castro. A casa onde nasceu foi transformada em museu.
- 91 Ferreira de Castro, José Maria** (1898-1974) – Tendo nascido em Ossela, Oliveira de Azeméis, cedo emigrou para o Brasil, o que permitiu que a sua obra ficasse marcada pela dolorosa experiência da emigração e por todas as labutas e sofrimentos dos emigrantes. Autodidacta, é considerado como o grande precursor do neo-realismo na nossa Literatura, escrevendo obras notáveis como “Os Emigrantes”, “A Selva”, “A Lã e a Neve”, “Terra Fria”, “A Tempestade”, “A Volta ao Mundo”, etc.
- 92 Salazar, António de Oliveira** (1889-1970) – Nascido em Vimioso, Santa Combação, foi professor de Direito na Universidade de Coimbra, onde se formou. Chamado a fazer parte do Governo por Carmona, como Ministro das Finanças, ocupou outros ministérios e foi Presidente do Conselho de Ministros. Dentro de critérios muito próprios, foi o principal organizador do Estado Nôvo que o seu sucessor, Marcelo Caetano, não foi capaz de segurar, sucumbindo ao golpe militar de 25 de Abril de 1974.
- 93 Corroios** – Freguesia do Concelho do Seixal que, até 1976, esteve integrada na freguesia de Amora. A Câmara Municipal do Seixal adquiriu o Moinho de Maré de Corroios, de vários casais de mós, com a intenção de o transformar num espaço museológico, como de facto é actualmente.
- 94 Agostinho da Silva** (1906-1994) – De seu nome completo George Agostinho Baptista da Silva, nasceu no Porto, formou-se em Filologia Clássica, foi professor do ensino secundário e professor universitário. Ensaísta, colaborou em várias revistas como “A Águia”, “Seara Nova”, “Revista de Portugal”, etc. e escreveu várias obras: “Sentido Histórico das Civilizações Clássicas”, “A Religião Grega”, “Reflexão à margem da Literatura Portuguesa”, “Um Fernando Pessoa”, etc.
- 95 Vitorino Nemésio** (1901-1978) – Tendo nascido na Ilha Terceira, nos Açores, fez os seus estudos secundários em Angra do Heroísmo e na Horta. Assentou praça como voluntário, veio para o continente, matriculou-se em Direito na Universidade de Coimbra, mas, depois, licenciou-se em Lisboa em Filologia Romântica, vindo a ser professor auxiliar e, após, professor catedrático. Escreveu um conjunto de obras notável, em prosa e em verso: “O Mistério do Paço do Milhafre”, “A Casa Fechada”, “Mau Tempo no Canal”, “Festa Redonda”, “Poesia”, etc.

Índice

Introdução	11
O meu país das libélulas	17
Vales remansosos	23
Pedaços de vida	31
Laivos de história na evolução tecnológica	39
Volta que a vida dá	53
A liberdade de cada um	61
Com a cultura é que vamos	69
Julguemos a morte o porto e o refúgio para cada um de nós	79
Regresso ao país das libélulas	89
Epílogo	99
Samuel ou a fatalidade	109
Notas	133

bibRIA



LIVRARIA MUNICIPAL